

**Relatório-síntese do VI Encontro Estadual do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos
Auditório da Câmara dos Vereadores e Centro Pastoral Dom Fernando – Goiânia/GO
03 a 05 de maio de 2007**

Realização

Universidade Católica de Goiás (UCG), Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade Araguaia, Secretaria de Estado da Educação de Goiás (SEE), Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME de Goiânia), Secretaria Municipal de Educação de Senador Canedo (SME de Senador Canedo), SINTEGO, INCRA, Conselho Municipal de Educação de Goiânia (CME de Goiânia), Centro Federal de Educação e Trabalho (CEFET).

Apoios

Universidade Católica de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Secretaria de Estado da Educação de Goiás, Conselho Estadual de Educação (CEE), Conselho Municipal de Educação de Goiânia (CME de Goiânia), SINTEGO, Secretarias Municipais de Educação (Goiânia, Senador Canedo, Valparaíso de Goiás), INCRA, CIA Vem Viver, Faculdade Araguaia, Uni Anhanguera.

Apresentação

O Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos foi constituído oficialmente em 29 de novembro de 2002, procurando agregar o poder público, entidades de classe, organizações não governamentais, empresas e outras instituições, no sentido de fortalecer a EJA no Estado de Goiás. Centrando seus objetivos na proposição de temáticas pertinentes ao pensar e fazer a EJA e na possibilidade de construção de uma política democrática para a modalidade, o Fórum vem buscando fortalecer sua caminhada e alcance junto às entidades e segmentos da sociedade civil que atuam nesta modalidade.

O Fórum Goiano de EJA tem se fortalecido enquanto sociedade organizada, conferindo a suas atividades legitimidade, conquistando um papel privilegiado de interlocutor para as políticas públicas, principalmente no âmbito municipal, estadual e federal, ainda que nos limites historicamente instituídos. São assim, objetivos do Fórum: debater e aprofundar concepções de educação de jovens e adultos; discutir, analisar e intervir na elaboração de políticas públicas e ações voltadas para a EJA; articular as instituições envolvidas com a EJA; organizar, apoiar e participar de encontros locais, regionais e nacionais na temática da EJA; socializar as informações entre as instituições que promovam a EJA.

O VI Encontro Estadual do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos teve como tema central “*EJA Educação Básica e Formação Continuada*” e estruturou-se da seguinte forma: **Mesa de abertura** com a participação de educanda, educador e pesquisadora em EJA realizando o diálogo: “*Educação de Jovens e Adultos: nossas histórias de avanços, resistências e muito a caminhar pela frente*”, **Grupos de Trabalho** com as seguintes temáticas: Formação inicial e continuada de educadores de Jovens e adultos: avanços e desafios; EJA e Educação Profissional e Financiamento da EJA: FUNDEB e condições de trabalho docente e EJA, **Socialização de Experiências**, momento destinado à exposição das ações desenvolvidas em EJA nos municípios do Estado de Goiás, **Oficina para gestores, Noite cultural e Plenária final** com a retirada de nomes dos delegados por segmentos para o *II Seminário Nacional de Formação de Educadores da EJA*, em Goiânia e para o *IX Encontro Nacional de EJA- ENEJA* em Curitiba - Paraná.

O Encontro contou com 280 delegados participantes – educadores, educandos, gestores de entidades governamentais e não-governamentais, movimentos sociais, etc. – de cinquenta e um municípios goianos. São eles: Aparecida de Goiânia, Chapadão do Céu, Goiânia, Guapo, Petrolina, Rubiataba, Cocalzinho de Goiás, Iporá, Mineiros, Morrinhos, Niquelândia, Itumbiara, Itapaci, Rio Verde, Senador Canedo, Valparaíso de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Paraúna, Santo Antonio de Goiás, São Miguel do Araguaia, São Luis de Montes Belos, Campos Belos, Colinas do Sul, Leopoldo de Bulhões, Vila Boa, Luziânia, Minaçú, Silvânia, Itapuranga, Uruaçú, Posse, Uirapuru, Campo Alegre, Cidade Ocidental, Orizona, Formosa, Jataí, Caldas Novas, Goianira, Goiatuba, Anicuns, Itajá, Morro Agudo de Goiás, Quirinópolis, Trindade, Pirenópolis, Nova América, Nova Iguaçu de Goiás, Inhumas, Anápolis. No momento da abertura participaram cerca de 400 pessoas, incluindo educandos e educadores da EJA e acadêmicos das Instituições de Educação Superior que realizam o evento.

Abertura do VI Encontro Goiano de EJA

A abertura do VI Fórum Goiano de EJA aconteceu na Câmara Municipal de Goiânia no dia 03 de maio de 2007 às 19h, e foi um momento histórico dado a presença significativa de autoridades e representações dos diferentes segmentos da educação em Goiás, entre eles: Secretaria de Estado e Municípios de Goiânia e interior, Conselho Estadual de Educação, Conselho Municipal de Educação de Goiânia, Presidente da Comissão de Educação da Assembléia Legislativa, Educandos, Educadores da EJA, Universidade Católica de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Faculdade Araguaia, SINTEGO, INCRA, CEFET entre outros.

Para iniciar os trabalhos foi feita uma apresentação cultural do Coral **“Luz da Vida”, na qual** educadores e educandos mostraram seus talentos com “músicas raízes” que muito agradaram ao público presente.

O representante das entidades que compõem o Fórum saudou todos os municípios presentes, parabenizando o fórum goiano pela consolidação de políticas públicas de EJA.

O Reitor da Universidade Católica de Goiás e o Diretor da FE/UFG parabenizaram educandos e educadores. O reitor da UCG ressaltou que o VI Encontro do Fórum tem uma história que nos permite chegar a esta noite, ressaltou a importância da memória e destacou a presença das prof^{as} Alda Maria Borges e Maria Helena Café nesta caminhada. “Esse é um momento de se olhar para o futuro, para a construção de um novo momento civilizatório. Que os participantes do VI Encontro possam revigorar utopias e projetos de um mundo melhor”. Desejou que o encontro seja um espaço para somar forças, repensar metodologias, revigorar as energias, trocar experiências, seja também um momento de vislumbrar o futuro, de reencontro com a esperança, que isso nos entusiasme e seja proveitoso para todos.

A Secretária de Educação do município de Goiânia deu as boas vindas, cumprimentou os integrantes da mesa e demais representantes. A Secretária Estadual de Educação, depois de cumprimentar a todos contou uma história que tem por tema central – a liberdade. A busca da liberdade pela educação. Os caminhos são desconhecidos, alguns criticam, mas a busca de conhecimento nos orienta para uma vida melhor. Disse ainda que a educação de jovens e adultos é uma janela para o exercício da cidadania.

O Deputado Mauro Rubem destacou a importância da construção de uma consciência crítica que possa contribuir rumo a construção de uma nova sociedade. Colocou a Comissão de Educação da Assembléia Legislativa à disposição do Fórum.

O destaque para a abertura do VI Encontro foi o de conseguir maior número de representatividade na mesa, o que alargará os horizontes de parcerias e futuras reivindicações.

A Mesa de Trabalhos foi composta com a educanda Suely Alves Dias, o educador Adolfo Estulano Garcia e a professora Maria Margarida Machado. Como já é tradição foi feita uma

homenagem especial a educadora Maria Emília de Castro Rodrigues em reconhecimento pela sua dedicação à EJA. A homenagem foi feita pelas educadoras Dinorá de Castro Gomes e Márcia Pereira Melo, que representaram o Fórum Goiano de EJA e, ainda, a Profª Alda Maria Borges, que entregou um ramalhete de flores à homenageada.

Depois de uma pequena introdução feita pela professora Maria Margarida Machado, de como iria acontecer o diálogo, a educanda Suely Alves Dias contou de sua vida escolar, que aos 66 anos confere: “enquanto for possível quero estudar”. Filha de família pobre encontrou muita dificuldade, morou 12 anos com os padrinhos e aos 14 não queria voltar para o pré. Depois de casada e mãe de cinco filhos resolveu estudar, “pois para estudar não tem idade”. Ressaltou que todos os filhos estudaram e se formam na faculdade, tem um filho adotivo que está fazendo o ensino fundamental. Agradeceu às autoridades e a todos os professores que são especiais e os que não são especiais devem procurar ser. A aluna voltou a estudar na 4ª série na Escola Municipal Getulino Artiaga e está atualmente no 2º período do Ensino Médio no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA). Foi calorosamente aplaudida pelo auditório.

A Profª Alba Valéria do SINTEGO, pediu a palavra e fez a leitura de uma carta aberta à sociedade goianiense sobre o financiamento da educação no município de Goiânia foi um manifesto do Fórum Municipal de Educação.

O educador Adolfo Estulano Garcia, da Escola Municipal Nova Conquista – RME Goiânia contou de sua experiência em artes, vivida na sala de aula com adolescentes, jovens e adultos, “muitas vezes eles chegam sem sonhos e acham que não podem realizar o trabalho, daí a importância do acolhimento, da escuta, da atitude e da postura do professor. Muitos professores enfrentam ainda muitas dificuldades no trabalho. Os alunos da EJA chegam à escola com a ideia de uma escola do ‘tempo deles’ e têm dificuldade em aceitar novas metodologias”. Ressaltou a necessidade de conhecermos nosso aluno, dialogarmos com ele. Falou que o professor da EJA precisa buscar mais oportunidades para expor suas experiências. “Temos muitos educandos da EAJA que não encontraram ou não têm expectativas. Nós professores precisamos contribuir para criar expectativas em nossos alunos”. Contou de sua experiência com o “pontilismo” arte com a ponta da agulha, ou palito onde há muito envolvimento dos alunos e que sua escola está organizando para criar uma noite de talentos onde tem certeza que irão aparecer muitos. “Nós professores precisamos criar novas oportunidades e técnicas, precisamos fazer a diferença”.

Em seguida a Profª Maria Margarida elogiou os componentes da mesa, dizendo que o espaço do Fórum é o espaço das várias vozes, ressaltou a importância das Instituições de Ensino Superior e Universidades (UFG, UCG, Faculdade Araguaia, que fazem formação de professores e estavam presentes no Encontro).

Antigamente, se tinha a visão que era apenas na alfabetização que se precisava mexer. Hoje a leitura de mundo perpassa da alfabetização à pós-graduação. Os dados estatísticos nos apresentam grande número de pessoas não alfabetizadas, porém, não podemos ficar somente na alfabetização.

É necessário reconceituar a Educação de Jovens e Adultos, compreendendo-a como **escolarização** (como uma busca por parte do educando para conclusão do ensino fundamental e médio) e **educação continuada** (direitos sociais e cidadania, educação ambiental, educação para trabalhadores, formação continuada de professores e leitura).

Para a construção de políticas voltadas para a EJA é preciso que se tracem diretrizes, discutam financiamentos e uma articulação conjunta entre todos os segmentos que atuam nessa modalidade.

Os Fóruns de EJA, compostos por educadores, educandos, governo, universidades, movimentos populares, ONG’s, Sistema “S” e sindicatos, surgem com o intuito de aguçar e provocar discussões nesse sentido, de despertar a consciência dos envolvidos para a necessidade da valorização dessa modalidade de ensino. Mas em sua caminhada os Fóruns encontram alguns desafios, como: constituir-se enquanto espaço plural de discussão da política de EJA; garantir a construção coletiva das pautas e

dos encaminhamentos; fortalecer-se enquanto uma rede nacional; sobreviver às mudanças de governos; constituir-se enquanto espaço privilegiado de diálogo entre professores e alunos da EJA.

Para chegarmos à realização deste VI Encontro Estadual do Fórum Goiano da Educação de Jovens e Adultos, com o tema “EJA – Educação Básica e Formação Continuada” houve toda uma trajetória do Fórum Goiano de EJA, começando em: **1999/2001** - comissão do Pró - Fórum; **2002** – I Encontro Estadual: Constituindo o Fórum Goiano de EJA; **2003** - II Encontro Estadual – EJA: Os sujeitos do processo; **2004** – III Encontro Estadual – Políticas Públicas em EJA: Financiamento e Formação de Professores; **2005** – IV Encontro Estadual- Políticas Públicas e Diversidade na EJA – O papel do Poder Público e da Sociedade Civil; **2006** – V Encontro Estadual – EJA: Uma Política de Estado – Alfabetização e Continuidade Enquanto Direito.

Com a constituição dos Fóruns da EJA em todo o país, iniciou-se os Encontros Nacionais da Educação de Jovens e Adultos (ENEJA). Segue abaixo o histórico de realização do ENEJA:

I ENEJA: Rio de Janeiro, 1999;

II ENEJA: Paraíba, 2000;

III ENEJA: São Paulo, 2001; I Encontro Nacional de MOVA’s no Rio Grande do Sul;

IV ENEJA: Minas Gerais, 2002; II Encontro Nacional de MOVA’s em São Paulo.

V ENEJA: Mato Grosso, 2003; III Encontro Nacional de MOVA’s em Goiás;

VI ENEJA: Rio Grande do Sul, 2004; IV Encontro Nacional de MOVA’s em Mato Grosso do Sul;

VII ENEJA: Distrito Federal, 2005; V Encontro Nacional de MOVA’s no Distrito Federal;

VIII ENEJA: Pernambuco, 2006; VI Encontro Nacional de MOVA’s no Ceará;

IX ENEJA: Paraná, 2007; Encontros Regionais de MOVA’s.

Para encontrar maiores informações sobre o andamento dos fóruns estaduais e regionais, basta acessar o site: www.forumeja.org.br e entrar no link com a bandeira de cada estado.

Grupos de Trabalho

Retomando o tema “EJA Educação Básica e Formação Continuada” os participantes do VI Encontro se encontraram rapidamente na manhã do dia 04/05 no auditório do Centro Pastoral Dom Fernando, para os encaminhamentos dos grupos de Trabalhos. Uma breve introdução sobre as temáticas foi realizada por cada coordenador (a) de GT.

Foram propostos três temáticas em quatro Grupos de Trabalho: **Formação inicial e continuada de professores de Jovens e adultos: avanços e desafios** (duas turmas); **Financiamento da EJA: FUNDEB e condições de trabalho docente e EJA e Educação Profissional**. Cada participante escolheu o grupo onde participou das discussões levantando as proposições para a plenária final. Sob a referência do tema central ocorreram ainda as trocas de experiências à tarde do dia 04 de maio de 2007, foram realizadas em cinco salas, sendo uma oficina de projetos para gestores.

GT: Formação inicial e continuada de professores de Jovens e adultos: avanços e desafios

Coordenadoras: Janaina Cristina de Jesus – Faculdade Araguaia/SME Goiânia e
Virgínia Costa e Silva - UCG

Reladoras: Maria Jacqueline Dias e Maria Auxiliadora Dias S. Ribeiro SME/Goiânia

Este GT contou com a presença de 42 participantes. Os trabalhos iniciaram-se com a apresentação de cada integrante do grupo dizendo o nome, cidade e tempo de atuação na EJA. Em

seguida a coordenadora informou acerca do texto existente na pasta e que este foi elaborado com o intuito de impulsionar o debate. Foi feita a leitura da introdução do referido texto, intitulado: *Formação inicial e continuada de professores de jovens e adultos: avanços e desafios*.

Professora Janaina (coordenadora) informou que na introdução do texto estava registrado o que ficou deliberado no Encontro anterior e o que ainda pode ser discutido neste encontro. Foi reafirmado o objetivo do GT como espaço de socialização e proposição para deliberações na plenária final e também como forma de registro das reivindicações para divulgação nas instituições que atendem e/ou fazem formação em EJA. O Fórum é, portanto, um espaço eminentemente político, sendo possibilidade de aprendizado e formação no sentido de aprimorar as ações e fortalecermo-nos.

Em seguida foi feita toda a leitura do texto e aberta a discussão sobre a formação continuada, uma vez que essa temática representava um anseio maior do grupo presente.

De antemão, alguns representantes de municípios afirmaram as dificuldades que têm encontrado no desenvolvimento da formação continuada, dentre elas o fato de o professor ter a EJA como “bico”, do “descompromisso” de alguns profissionais e ainda a idéia de que trabalhar com adultos é “menos cansativo”. A EJA torna-se, então, um espaço de encontro entre “alunos cansados e professores cansados”. Representante da cidade de Paraúna falou da dificuldade de se cumprir a carga horária já garantida para a formação, questionando o que seria mais importante abordar nesses momentos.

A seguir, representante de Morrinhos reafirmou a importância da qualidade da formação inicial, pois o professor precisa saber/conhecer o que é EJA. Ressaltou também a importância do vínculo entre as propostas dos Municípios e a do Estado. Professor da UFG problematizou as questões levantadas no texto, afirmando que as formações continuadas têm se incumbido de discutir o que seria esperado num processo de formação inicial, ou seja, que a formação continuada tem sido, de fato, “a primeira formação que o profissional recebe acerca da EJA”. Além disso, é necessário cuidar para que não haja a fragmentação do coletivo da escola, que é importante o trabalho de formação do grupo como forma de fortalecimento do coletivo.

Foram feitas colocações acerca de perdas do espaço para o planejamento na Unidade Educacional-U.E. (relato de Goiânia), e sobre os professores que querem trabalhar na EJA por ser considerado um “horário de trabalho mais tranquilo”. Uma professora da RME Goiânia esclareceu sobre a formação continuada que é realizada na SME desde 2006, dentro do horário de trabalho e em forma de GT (Grupo de Trabalho) e outra professora dessa mesma Rede disse que na organização de sua U.E. não houve mudanças na questão do planejamento, evidenciando a diversidade de realidades existentes, mesmo no âmbito de uma mesma Rede de Ensino;

Este GT revelou a presença de vários professores pela primeira vez e estes, ao afirmaram que só agora tiveram conhecimento quanto à realização deste Fórum, propuseram que sejam criadas formas de maior divulgação do evento.

Professor da UFG reafirmou a importância da formação continuada com um coletivo fortalecido. Outra professora participante afirmou a importância de se descobrir os temas para dialogar com o próprio professor, sendo necessário, em princípio, aceitar que o profissional seja descomprometido em decorrência de fatores históricos; daí a seguinte reflexão: qual o tema conseguiria problematizar essa falta de compromisso?

Tendo sido esses os diálogos iniciais, segue abaixo uma síntese das problematizações realizadas durante a manhã, as compreensões do grupo acerca dessas e as proposições elaboradas a partir do próprio grupo, no decorrer das interlocuções:

a) Problematização acerca da postura/identidade do professor na EJA –

Verifica-se que o professor está “desanimado”, “descompromisso”; “desinteressado”, e, muitas vezes, trata a EJA como “bico” (complemento de carga horária).

Compreensão do grupo - Faz-se necessário:

- Reconhecer que a categoria docente tem se constituído **historicamente** como “desinteressada”, “descompromissada”...
- Compreender que não se trata de culpa-lo individualmente, mas de considerar que a identidade desse profissional está em permanente construção/ reconstrução/ desconstrução.

Alternativas para o enfrentamento da questão:

- Investir no fortalecimento de vínculos entre os professores (isto ser considerado para se organizar o formato dos encontros, inclusive);
- Buscar e reconhecer o que há de melhor em cada um. Esse reconhecimento gera ação e fortalecimento da identidade;
- Ter expectativa positiva em relação ao trabalho do professor;
- Fortalecimento da formação com o coletivo da escola e não individual apenas;
- Garantir 3h de estudo na escola e 3h de aula. (manter essa conquista, inclusive no Estado-GO);
- Persistir nas conquistas e não desistir quando houver empecilho;
- Criar/Fortalecer a identidade da escola para enfrentar os desafios;
- Reconhecer que a identidade da EJA é também a nossa.

b) Formação Continuada –

Observância em relação a perdas (Municípios e Estados) quando da mudança de Governos (Ex.: Mato Grosso)

Compreensão do grupo - Faz-se necessário:

- ”Resistir aos governos”;
- Fortalecer a autonomia do professor para o estudo;
- Fortalecer a formação com o coletivo da escola e não individual apenas;
- Reforçar a condição do professor como trabalhador e pesquisador;
- Diferenciar momentos de “reivindicar” dos de “atuar” para se garantir o direito de aula ao educando;
- Buscar alternativas para se garantir o já conquistado.

Alternativas para o enfrentamento da questão:

- Documentar as ações realizadas para possibilitar as defesas necessárias;
- Discussão acerca de princípios da EJA deve anteceder a da legislação;
- Devem ser temáticas da formação:
Sujeitos da EJA e como acolhê-los
(com base no diálogo freireano)
- Ter cuidado na utilização dos conceitos e defini-los de forma mais clara nas formações/textos (ex.:tema gerador, conhecimento, interdisciplinaridade, educação popular...)

c) Fortalecimento da EJA –

“Há muitas ações, mas são desarticuladas...”

Compreensão do grupo - Faz-se necessário:

- Propor articulação entre as propostas das redes municipais e estadual (Ensino Fundamental e Médio);
- IES intensifiquem atuações e articulá-las;
- Pedagogia e demais licenciaturas devem articular-se.

Alternativas para o enfrentamento da questão:

- Elaborar uma **carta**, como canal de interlocução, **tanto** para apresentação às licenciaturas **quanto** para viabilizar a ida das Secretarias de Educação às IES.
- Ampliar as formas de divulgação da existência e atividades do Fórum de EJA.
- Divulgar materiais locais existentes (ex.: produções de Goiânia)

GT: Formação inicial e continuada de professores de Jovens e adultos: avanços e desafios

Coordenadora: Alda Maria Borges Cunha - UCG

Reladoras: Maria Emilia de Castro Rodrigues - UFG e Dinorá de Castro Gomes SME/Goiânia

Este GT contou com 52 participantes de Secretarias municipais e do estado (professores, educadores populares, gestores e os educandos – Durvalina e Gilson do Centro de Convivência de Idosos CCI/SME de Goiânia), UCG, UFG, INCRA, Faculdade Araguaia, Faculdade Padrão. Os municípios presentes foram: Goiânia, Itumbiara, Aparecida de Goiânia, Santo Antônio de Goiás, Nova Iguaçu, São Miguel do Araguaia, Mineiros e Luziânia.

Formação inicial

A coordenadora do GT, Alda Maria Borges Cunha, retomou os pontos apontados como desafios e dificuldades presentes hoje na EJA, mencionadas pelas representantes da UCG, após falarem que há uma disciplina de EJA obrigatória, com 72h, no curso de Pedagogia:

- Redução dos espaços para estágio na EJA, pois no noturno houve diminuição do número de salas
- Redução do espaço de atuação de Pedagogo aos anos iniciais

Em seguida uma representante da Faculdade Araguaia relatou que nesta instituição a formação no curso de Pedagogia tem sido trabalhada a EJA por meio de:

- Vivência da proposta de Paulo Freire, na disciplina de EJA, no 4º período e o estágio na EJA.
- Nas demais disciplinas do curso não se aborda sobre EJA, somente à noite em função do estágio.

Uma ex-aluna da Faculdade Padrão mencionou que fez estágio de 100h na EJA e há núcleo livre em EJA. Na Faculdade de Educação da UFG, no curso de Pedagogia, é oferecida uma disciplina de núcleo livre de EJA – pode ser cursada por aluno de qualquer curso da UFG –, o estágio do noturno é em EJA e nas ementas das disciplinas também houve esta preocupação.

O curso de Pedagogia é o curso que dá maior ênfase na educação de Jovens e Adultos, em geral os coordenadores pedagógicos são do curso de pedagogia. Mas ainda existem muitos cursos de Pedagogia que não têm discutido sobre a EJA.

Após algumas falas sobre a necessidade da discussão da EJA na Pedagogia e demais licenciaturas, a coordenadora do GT fez uma síntese: constatou-se pelas falas dos presentes que ainda são mais fortes as discussões da EJA nos cursos de Pedagogia, que têm mostrado sensíveis a esta modalidade: não é uma disciplina só que dá conta de mostrar a importância da EJA, nem só os estágios em EJA, ainda que tudo isso seja importante, não basta que a universidade faça assessoria a esse trabalho da EJA, que também é importante; monografia, dissertações de mestrado, teses de doutorado que a UCG e UFG têm nessa área temática, isso também é importante, mas o que a gente deseja nesta

modalidade EJA é que ela possa permear o projeto pedagógico como um todo dos cursos de licenciatura, nas suas diversas disciplinas da matriz curricular como: psicologia (ex. como o adulto aprende), história da educação (ex. como a história da EJA no Brasil sai das campanhas para se tornar política pública na EJA), estrutura/políticas públicas, didática (os processos de avaliação, as metodologias que a diversidade da EJA oferece), estágio etc., para além da disciplina de EJA. Pegando o conjunto da matriz curricular do curso, com a mesma força que a educação infantil tem.

Continuando as discussões algumas professoras dos cursos de licenciatura que atuam na EJA, disseram que tudo o que sabem hoje de EJA aprenderam na prática, “sozinha”, e que é extremamente importante uma formação específica sobre EJA para os professores das licenciaturas.

Também foi mencionado que nem todos os professores da Pedagogia têm abertura para discutir sobre o jovem e adulto. Alguns estagiários chegam nas escolas ainda sem saber o que é EJA, EJA, EAJA.

Uma educadora salientou – e outras apoiaram – que infelizmente as pessoas que pesquisam sobre educação ficam entre quatro paredes, distantes da realidade da escola: o professor tem que ser tudo, ele tem que driblar os desafios e problemas sociais da escola; e as universidades estão muito distantes da realidade escolar, e deveria parar e refletir sobre seus currículos; a capacidade que o aluno adulto tem de aprender é bem mais complexa que a do jovem; o professor tem que dialogar, ser parceiro, trabalhar a auto-estima; todas as disciplinas da universidade deveriam trabalhar sobre EJA; é preciso unir o conhecimento com a prática que nos questiona todos os dias e as universidades precisam se aproximar mais desta realidade; não é só o fato do aluno estar na escola que é suficiente, a escola tem que cumprir o seu papel de favorecer o acesso ao conhecimento, que é fundamental sim, mas só o conhecimento pelo conhecimento não resolve, por outro lado também a escola está perdendo o seu papel em função do assistencialismo.

As universidades e secretarias não estão preparadas para trabalhar com professores licenciados que atuam na EJA, considerando sua especificidade; tem que preparar o professor para tal; o adolescente aprende mais rápido que o adulto/3ª idade e o professor têm que saber conciliar; é preciso saber que conteúdo trabalhar na EJA e a forma de abordar.

Síntese das discussões feita pela coordenadora do GT: É necessário que a universidade tenha/possa ter a modalidade EJA numa inserção do seu projeto pedagógico (nos currículos de Pedagogia e demais licenciaturas): não apenas como disciplina, ou como estágio isolado e fragmentado, sendo capaz de preparar para a diversidade e complexidade do que é o trabalho de EJA, isso supõe a universidade ser capaz de discutir na formação inicial essa ligação entre conhecimento articulada a um espaço de convivência, sem caracterizar o papel da escola como assistencialismo ou de infantilização desse adulto. E de saber que a escola e a sala de aula têm que ser vista como um grande laboratório para o estudo e recriação do espaço pedagógico da EJA. E quanto maior base teórica tiver nas diversas áreas do conhecimento, maior condições teremos de recriar nesse espaço diverso e complexo de EJA (idosos/jovens; só idosos; só jovens), com metodologias e práticas adequadas a esses sujeitos.

São poucos os livros didáticos bons direcionados à EJA e os que têm quase não são divulgados.

A formação de professores que atuarão em EJA nas licenciaturas ainda é tímida; falta percepção das políticas públicas de EJA; no mestrado e doutorado também é muito tímido enquanto que nos EUA, que “tem poucos alunos de EJA” há cursos e estudos de andragogia para esta modalidade de ensino; o sistema de ensino precisa trabalhar em sintonia e atacar a não continuidade de formação de novos analfabetos e garantir a escolarização; bem como garantir a formação continuada.

Na universidade é fundamental a aproximação entre teoria e prática, sendo a escola a base prática para reflexão teórica: por ex. a evasão escolar que é um problema presente na EJA (e que não envolve apenas as questões pedagógicas, mas inúmeros outros aspectos), então focar em como atacar a

questão da evasão escolar – como a questão pedagógica está se dando, onde estamos falhando? Por que o aluno está saindo da escola? Como o ensino pode contribuir, a partir de uma formação continuada de professor, para diminuir a evasão no que se refere contexto pedagógico, para que tenha a adesão e a permanência do aluno na EJA?

O trabalho da universidade já vem mudando: alguns estagiários já estão vindo para o trabalho com a EJA na educação popular com um perfil e preparação adequada; quanto à evasão é importante manter vínculos e ter uma sala viva, ativa, e é importante recebermos a formação continuada; nós não temos um material específico para a EJA, são os professores que constroem, mas os alunos sentem essa necessidade. A evasão acontece muitas vezes quando o educador não abraça a causa: manter uma turma não é fácil, tem que se familiarizar com o grupo, se tornar parte dele, estabelecer vínculos é fundamental para se manter uma sala ativa, viva, pois se os educandos não percebem esta confiabilidade, esse processo não acontece e aí vem a evasão. Os alunos sentem necessidade de ter livros.

A universidade está sendo colocada em cheque pelas redes de ensino, pela educação popular, porque estamos construindo um novo paradigma de educação, um paradigma de educação popular (não burguês) que supere o academicismo e o tradicionalismo, com a superação das disciplinas/áreas, indo rumo a interdisciplinaridade, tudo isso sendo superado. Esse é um processo que está vindo de baixo para cima.

As licenciaturas têm que ser preparadas para trabalhar com a EAJA, pois o aluno precisa ter a continuidade do acolhimento na escolarização, tanto de 1ª a 4ª séries como de 5ª a 8ª séries. Uma mudança que tem que acontecer porque os alunos que saem dos movimentos populares e buscam as escolas, muitas vezes retornam pela falta de acolhimento dos professores do ensino fundamental.

É importante a sensibilização das licenciaturas, quanto a voltarem o seu olhar para a EJA, o que passa pela articulação dos professores das escolas cobrarem das licenciaturas/universidades via secretarias de educação, nos cursos/seminários/encontros das licenciaturas, nas reuniões/encontros de egressos. Haver a articulação dos professores de áreas que atuam em EJA nas escolas e nas secretarias para cobrarem das licenciaturas a formação em EJA nas licenciaturas.

Desejamos que livros e mais livros sobre EJA (nas várias áreas de conhecimento) sejam absorvidas no âmbito da teorização e publicização das bibliografias nas licenciaturas e nas secretarias, ou seja, que os livros, as bibliografias sobre EJA (inclusive Paulo Freire, mas também vários outros) circulem e sejam abarcados nos cursos de licenciatura, sendo absorvidos no âmbito da teorização e publicização, impregnando o conjunto daquilo que a instituição universitária faz.

As universidades/faculdades precisam prestar assessorias às secretarias e os cursos de formação continuada partirem de temas propostos pelos educadores, considerando os problemas vivenciados na prática.

A formação continuada de professores necessita enfocar o que trabalhar e como trabalhar na EJA: ver os conteúdos que são necessários para o trabalho de acordo com os interesses e a realidade dos educandos.

Formação Continuada

Na Secretaria Municipal de Goiânia há o GT da EAJA com metodologias para o trabalho com jovens e adultos – é opcional e é um professor por escola. Há também oficinas, colóquio. Um tema que vem sendo abordado é o currículo na EAJA, juventude. Mesmo a formação continuada de professores também conta com a evasão. O que leva um professor desistir dos cursos que estavam participando? Também aqui as dificuldades, as desmotivações, muitas vezes geram a evasão.

É importante e necessária a formação continuada de professores de EJA em todos os níveis (educação popular, fundamental, médio e superior), que inclua, inclusive, o trabalho com o compromisso político pedagógico do profissional.

Uma professora colocou que as escolas da SEE não receberam a divulgação do Encontro do Fórum Goiano de EJA. E reivindica a formação continuada também no ensino médio.

Síntese da coordenadora do GT: A evasão tem razões sociais, políticas, econômicas etc., mas no plano pedagógico o que podemos fazer para que a permanência do educando aconteça. Como deve ser o processo de formação desse educador. Uma pré-condição é que seja no horário de trabalho, com divulgação e em tempo hábil, em maior quantidade de cursos/GT's/palestras/oficinas etc. e que haja condições para que os professores possam estar presentes (sejam dispensados para ir lá).

Uma coordenadora comentou sobre como o professor chega cansado na escola, sobre a evasão dos alunos e a importância do compromisso do professor com a educação.

O ensino de EJA deve partir da necessidade do educando, vendo quais as dificuldades dos educandos, ser flexível e adaptar os conteúdos à realidade dos alunos. O professor deve considerar a adaptação e a necessidade de flexibilização para dar conta da sala de aula.

Foi destacado o papel do coordenador pedagógico: espelho da escola, passar informações sobre a estrutura da escola, quem são os educandos. É importante a formação continuada, pois quando os educadores participam da formação continuada a evasão diminui (lembrando que a evasão não depende só da questão pedagógica).

Uma professora de Goiânia disse que a Rede Municipal oferece a formação continuada, via o GT de EJA, mas que para ela este não contribui muito com sua atuação em sala de aula, pois nem sempre atende às necessidades do educador. Uma colega tomou a palavra dizendo que chegou de pára-quadras na EJA e que não tem recebido formação para isso. As buscas são individuais. Quando se é novato, a gente não sabe o terreno que está pisando. A escola não sistematiza e repassa aos novos professores a sua prática em EJA. A gente que é novato chega com um monte de ansiedade e chega lá a gente vai estudar a lei de quando começou os movimentos... Tudo o que joguei fora estou vendo de novo e fica muito no discurso, no senso comum; isso quando não é um fala de um, outro fala de outro. O que gostaria de que fosse falado é de coisas práticas, reais, que me ajudassem a atuar na minha sala de aula. A professora acrescenta que há muita dificuldade para a liberação do professor para participar do GT de EJA. Disse também que às vezes os ofícios chegam atrasados.

Síntese da coordenadora do GT: Dá para perceber que tem sido mais buscas individuais, pessoais, e o que tem está recente, e que quando começa a contar a história da EJA, as questões pedagógicas da sala de aula, que são tão dramáticas, o grupo sente que há um descompasso entre o que está sendo trabalhado.

Concordamos que os temas têm que vir das questões postas pelos educadores a partir da prática pedagógica; a Rede Municipal de Goiânia tem uma história de formação continuada: houve a pesquisa de construção curricular. Na Jornada Pedagógica surgiu a idéia dos GT's específicos de EJA; mesmo que para estes falta divulgação e há dificuldade para sair da escola. O trabalho feito pelas Unidades Regionais, com encontros, onde os coordenadores discutem temas específicos da EJA, como: avaliação, metodologias e agora está sendo discutido currículo.

É bom lembrar que existem profissionais e profissionais em qualquer área, e o problema hoje na Rede de Goiânia é a leitura e escrita e este deve ser um trabalho de todas as áreas do ensino fundamental, uma responsabilidade de todos os profissionais e não apenas do professor de português como muitos julgam. Quanto aos cursos de formação tem o problema de divulgação em tempo hábil, mas também do acesso dos professores aos cursos, pois muitas vezes a escola/Secretaria não dá essa abertura, a direção da escola dificulta a saída do professor. Ora, a formação tem que ser para a escola como um todo: a partir da merendeira, da auxiliar de serviços gerais, professores, etc. ampliando a participação dos profissionais da escola.

Outra professora da SME de Goiânia disse ainda que os professores que fazem as formações, geralmente não são os que mais precisam. Enquanto aqueles que mais precisam ter a formação não participam. A formação tem que ser para a escola como um todo. Todos têm que ter acesso aos cursos.

Uma professora lembrou que desde a gestão da Dalísia Doles, que na Rede Municipal vêm acontecendo formações. Ela fez uma análise de como as formações vêm acontecendo, dos movimentos que existem e dos que precisam existir: antes a formação continuada em serviço era obrigatória (todos os professores em janeiro faziam curso de formação nos níveis e áreas específicas) com uma semana de curso, no horário do trabalho; nossa briga era por uma formação também contínua ao longo do ano no horário de trabalho e outros opcionais fora do horário de trabalho; formação em serviço dentro da escola (com palestras, cursos, trocas de experiências, momentos de estudo) envolvendo a todos.

Outra vertente é a formação continuada promovida pela universidade, com projetos de extensão, dentro ou fora do horário de trabalho do professor. Neste sentido, há uma busca pessoal deste profissional: cursos, grupos de estudo, seminários. Tem que haver um compromisso pessoal do professor e da instituição a qual se vincula com a formação continuada desse profissional, proporcionando momentos de formação e as condições para o professor e demais profissionais da escola participar.

Se não houver compromisso do professor não adianta a Rede oferecer Jornada Pedagógica, cursos, GT's, etc. A gente tem que ter sim forma de mobilizar a todos obrigatoriamente, para atingir a todos e formas de, em outros momentos, no horário de trabalho ou fora dele, oferecer cursos para que haja a formação continuada destes profissionais por opção (com o estímulo da SME como por meio da titularidade).

Na SME de Goiânia há uma proposta de formação continuada onde todos os interessados podem participar como: Jornada Pedagógica no mês Janeiro, cursos intensivos por área de conhecimento; cursos em parceria com universidades, cursos específicos para diretores, coordenadores pedagógicos, etc. São realizadas reuniões periódicas entre CEFPE, DEF-AJA e Apoios das URE's para definir o formato dessas formações. Os apoios pedagógicos das Unidades Regionais são responsáveis pela mediação entre a SME e a escola.

A formação continuada em Valparaíso se dá por meio de um projeto de planejamento coletivo onde a escola uma vez por mês se reúne com seus professores; há também o atendimento do professor pela equipe central na SME ou na escola (quando agendado). Uma preocupação é não oferecer a formação continuada pela formação continuada, mas a partir de temas de interesse e dificuldades que os professores encontram.

É importante mostrar para o professor que apesar dele ter passado por uma formação na universidade, isso não é suficiente. Além do conteúdo dado em sala de aula, ele tem que ter clareza quem é o seu aluno e o que sujeito quer formar? qual é o perfil de homem que a sociedade precisa?

E o professor hoje infelizmente, trabalha oito horas no diurno e vem para o noturno, muitas vezes desmotivado, cansado, não consegue pesquisar. Ser professor de EJA, no noturno é muito mais por necessidade, do que pela consciência da especificidade desse trabalho, inclusive porque muitas vezes quer fazer o mesmo que faz no diurno com as crianças e adolescentes. E isso pode contaminar os outros, porque se o professor não sentir que ele precisa crescer, que precisa melhorar, não será possível atingi-lo.

Uma professora de Nova Iguaçu comentou da riqueza que está sendo este VI Encontro. Lá não têm momento de planejamento pedagógico; o professor tem muitas dúvidas e o aluno de EJA se for apertado ele sai da escola. Os encontros do Fórum precisam continuar.

A professora Alda acrescentou que a reunião do fórum tem também a dimensão da formação continuada. Nela há também espaço para relatos de experiências. Uma professora de Goiânia falou que só este ano ficou sabendo deste encontro. Cobrou que as instituições responsáveis devem fazer melhor divulgação. Uma das participantes lembrou que no final da página da programação desse encontro está o site e os contatos com o Fórum Goiano de EJA, espaço onde serão divulgados os encontros, textos, etc.

Há o entendimento hoje que os processos pedagógicos não acontecem apenas no sistema escolar. Eles acontecem em todos os espaços da sociedade. Por isso o pedagogo precisa estar preparado para trabalhar com o educando, se abrindo para discussão com os movimentos populares.

Foi lembrada a necessidade da luta para garantir a continuidade da formação do profissional, enfatizando que é responsabilidade institucional e do profissional; pois, a EJA abrange desde os movimentos de alfabetização, a educação continuada e ensino fundamental e médio a profissionalização até a pós-graduação. É uma dimensão de educação que perpassa a vida toda.

Continuidade da luta pela formação dos educadores populares em nível universitário; bem como da luta pela educação popular que é um espaço diferente do trabalho do profissional habilitado de nível fundamental e médio.

A Faculdade de Educação da UFG tem uma disciplina de núcleo livre de EJA. Ela oferece vagas para quem se interessa pela formação continuada nessa área.

Uma professora pediu explicação sobre as siglas: EAJA, AJA-EXPANSÃO, AJA que só o município de Goiânia utiliza. EAJA, ensino fundamental de 1ª a 8ª séries; Projeto AJA que é uma extensão de 1ª a 4ª série do ensino fundamental com salas multisseriadas; Programa AJA-Expansão é a alfabetização de jovens e adultos realizada por educadores populares.

Uma aluna da Faculdade Araguaia comentou sobre o estágio que fazem em escolas da Rede, quando utilizam esse momento para fazer formação continuada com professores daquela escola. E que há uma disciplina voltada para discussão que Paulo Freire traz. O estágio foi feito na EAJA, formando grupos para dar um atendimento melhor aos alunos com os quais elas estavam trabalhando. Nas demais disciplinas do curso de Pedagogia não se discutem a questão da EJA.

Um professor de Santo Antônio disse que no seu município a EJA tem acesso a biblioteca, livros e apostilas, mas que é fundamental intercâmbios como este.

Desafios e dificuldades retiradas das falas ao longo do texto

- Redução dos espaços para estágio na EJA – noturno (diminuição do número de salas)
- Redução do espaço de atuação de Pedagogo aos anos iniciais.
- Ainda existem cursos de Pedagogia que não têm discutido sobre a EJA.
- Nas faculdades/universidades onde há a disciplina de EJA, as demais disciplinas não abordam esta temática, somente nos cursos noturnos, quando o estágio é realizado na EJA.
- Nem todos os professores da Pedagogia têm abertura para discutir sobre o jovem e adulto.
- Envolver as demais licenciaturas nas discussões sobre a EJA.
- As universidades estão muito distantes da realidade escolar.
- A capacidade que o aluno adulto/idoso tem de aprender é bem mais complexa que a do jovem.
- A universidade/secretarias não estão muito preparadas para trabalhar com os professores que atuam na EJA considerando sua especificidade.
- Ainda é grande a evasão na EJA, ainda que ela não seja reflexo apenas do trabalho pedagógico e haja inúmeros aspectos que interferem para que exista.
- A formação de professor que atuarão em EJA nas licenciaturas ainda é tímida, assim como no mestrado e doutorado.

Proposições e deliberações

- Conhecimento de quem é o aluno da EJA e ter acolhimento do educando na escolarização em todos os níveis.

- É necessário que a universidade tenha a modalidade EJA nos currículos de Pedagogia e demais licenciaturas enquanto disciplina.
- É importante que as discussões sobre a EJA possam permear o projeto pedagógico como um todo dos cursos de licenciatura, nas suas diversas disciplinas da matriz curricular como: psicologia, história da educação, estrutura/políticas públicas, didática, estágio etc., para além da disciplina de EJA.
- Ainda são mais fortes as discussões da EJA nos cursos de Pedagogia, que em alguns casos têm se mostrado mais sensíveis, mas é fundamental que haja formação específica sobre EJA em todos os cursos de licenciatura.
- O professor da EJA tem que dialogar, ser parceiro, trabalhar a auto-estima; é preciso unir o conhecimento com a prática nos questiona todos os dias e as universidades precisam se aproximar mais desta realidade; não é só o fato do aluno estar na escola que é suficiente, a escola tem que cumprir o seu papel de favorecer o acesso ao conhecimento.
- Garantir formação continuada periódica, de qualidade, no horário do trabalho, de forma que todos participem (não só por representatividade e que envolva também a direção e coordenação), em todos os níveis (educação popular, ensino fundamental e médio) e de forma diversificada: na escola, reunindo várias escolas (por região), etc.
- Haver compromisso pessoal e institucional com a formação continuada dos educadores.
- Os temas a serem trabalhados nos cursos de formação continuada têm que ser levantados com/pelos educadores e advindos das questões postas pela prática pedagógica.
- Discutir na formação continuada sobre os temas: o que é AJA, EJA, EAJA; como trabalhar com a diversidade geracional e os diferentes níveis/ritmos de aprendizagem na sala de aula; com salas só de adolescentes ou idosos; como atacar a questão da evasão escolar no que se refere ao contexto pedagógico, para que haja o conhecimento, a adesão e a permanência do aluno na EJA; currículo; o que ensinar e como trabalhar esses conteúdos na EJA (como ver os conteúdos que são necessários para o trabalho de acordo com os interesses e a realidade dos educandos).
- Professor precisa ter compromisso político-pedagógico no trabalho com a EJA.
- O adolescente aprende mais rápido que o adulto/3º idade e o professor tem que saber conciliar programando atividades diversificadas em sala e considerando os ritmos de aprendizagem.
- É preciso unir o conhecimento teórico com a prática: não há receitas em como trabalhar na EJA, mas a prática nos questiona todos os dias e as universidades precisam se aproximar mais desta realidade e dos problemas por ela postos.
- É fundamental que as universidades tomem a escola/sala de aula como o grande laboratório base para o estudo, reflexão teórica e recriação do espaço pedagógico.
- Que haja uma diversidade de livros didáticos direcionados à EJA para apoio do trabalho pedagógico do professor.
- Ter material didático adequado à EJA.
- Os sistemas de ensino precisam trabalhar em sintonia e atacar a não continuidade de formação de novos analfabetos.
- As universidades/faculdades prestarem assessorias às secretarias e os cursos de formação continuada partirem de temas propostos pelos educadores considerando os problemas vivenciados na prática.
- Não é só o fato do aluno estar na escola que é suficiente, a escola tem que cumprir o seu papel de favorecer o acesso ao conhecimento.
- Não infantilizar a sala de EJA.
- A universidade construir um novo paradigma de educação popular (não burguês) que supere o academicismo, o tradicionalismo, o trabalho das disciplinas/áreas indo rumo a interdisciplinaridade.
- Haver a articulação dos professores de áreas que atuam em EJA nas escolas e as secretarias para cobrarem das licenciaturas a formação em EJA.

- Que os livros, as bibliografias (nas várias áreas de conhecimento) sobre EJA circulem e sejam abarcados nos cursos de licenciatura, sendo absorvidos no âmbito da teorização e publicização, impregnando o conjunto daquilo que a instituição universitária faz.
- Garantir que os encontros do Fórum sejam divulgados nas escolas estaduais e municipais.
- Haver intercâmbios entre as escolas e municípios por meio de encontros, seminários etc.
- Garantir que os educadores populares tenham formação inicial em nível universitário e a formação continuada de qualidade.
- O ensino na EJA deve partir da necessidade do educando, vendo quais as dificuldades dos educando, ser flexível e os conteúdos vincular-se à realidade dos alunos.

GT: Financiamento da EJA: FUNDEB e condições de trabalho docente e EJA

Coordenadores: Maria Margarida Machado e João Batista do Nascimento (Professor, Filósofo e Economista, Especialista em Políticas Públicas)

Relatores: Weber Sione Moreno SME/Senador Canedo e Marilurdes Santos de Oliveira SME/Aparecida de Goiânia

Do FUNDEF ao FUNDEB: Há como avançar além da vinculação constitucional?

Ao discutir a qualidade de ensino faz-se necessário a discussão do financiamento da educação. Atualmente, para compreender melhor essa discussão é fundamental inteirar-se do processo de transição do **FUNDEF** (instituído em 1996) para o **FUNDEB** (instituído pela EC n.º 53, de 19/12/06 e regulamentado pela Medida provisória 339, de 29/12/06, implantado a partir de janeiro de 2007). Vale lembrar, que a luta pela inclusão da Educação de Jovens e Adultos na distribuição dos recursos, da mesma forma que o Ensino Fundamental Regular, é antiga, visto que o Presidente Fernando Henrique Cardoso vetou as matrículas da EJA e os repasses de recursos para esta modalidade no Fundef.

O FUNDEB é um fundo de natureza contábil, uma vez que há transferência de valores e não um depósito monetário, com repasses a cada 10 dias. Sua implantação será de forma gradual, alcançando a plenitude em 2009 (100% dos alunos da Educação Básica presencial e dos recursos vinculados ao fundo), tendo como base para o repasse o Censo Escolar do ano anterior.

O FUNDEB não é um fundo federal, estadual ou municipal, é sim, um fundo de âmbito estadual, que irá contemplar toda Educação Básica independente da modalidade (Infantil, Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos), possuindo um valor mínimo anual distribuído em 13 faixas de atendimento, com contas específicas para repasses automáticos e que terá vigência de 14 anos (2007 até 2020). Vale ressaltar que estados e municípios não poderão gastar mais que 10% do montante dos recursos com a EJA, a justificativa para isso é que os estados e municípios poderiam “inchar” os seus sistemas com matrículas desta modalidade de ensino.

A utilização dos recursos do FUNDEB deve levar em conta o percentual disponibilizado, sendo o mínimo de 60% para remuneração dos profissionais da educação e, outros 40% para outras despesas de manutenção e desenvolvimento da Educação Básica.

Os estados e municípios receberão os recursos provenientes do FUNDEB, com base nas modalidades que são de sua competência, sendo fundamental e médio para o âmbito estadual, infantil e fundamental para o municipal. Caso uma das esferas atenda outra modalidade ou nível que não seja de sua competência, não receberá recursos do fundo para tanto.

A implantação desse fundo visa promover a equalização dos recursos entre estados e municípios, concorrendo pela universalização da Educação Básica. Reduzir desigualdades no financiamento, valorizar profissionais da educação básica e também assegurar condições para criação do piso salarial nacional para o magistério da educação básica.

A composição do FUNDEB será de recursos dos próprios Estados, Distrito Federal e Municípios, sendo constituído pelos seguintes impostos: FPE, FPM, ICMS, IPI, ITCMD, IPVA, ITR, Dívida Ativa de juros e multa. É importante ficar evidente que mesmo o FUNDEB sendo constituído por impostos que não compunham o FUNDEF, isso não ocasionará no aumento de tributos para a população.

O FPE e o FPM são originários da arrecadação do Imposto de Renda e do IPI, distribuídos aos Estados e Municípios pela União com transferências constitucionais. Eles são as grandes fontes arrecadadoras da maioria dos Estados e Municípios. Uma grande parcela dos Municípios vive quase que exclusivamente das transferências do FPM. Na maioria desses Municípios o FPM representa quase 80% da sua receita, porque esses municípios não têm arrecadação significativa de IPTU, ISS, ISTI, IPVA e outros. Assim sendo, sobrevivem basicamente das transferências de FPM.

O IPVA, o ITCMD e o ITR agora passam a fazer parte do FUNDEB. Todos esses recursos são oriundos de Impostos. A União se compromete a repassar para aqueles estados e municípios onde o mínimo nacional não foi atingido, nas chamadas compensações do governo federal.

Para acompanhar e fiscalizar a aplicação dos recursos do FUNDEB, cada município implantará o Conselho de Controle Social do FUNDEB, composto por representantes de gestores, professores, pais, alunos, Conselho Tutelar e Secretarias de Educação, indicados pelos seus pares e nomeados por Decreto do prefeito.

GT: EJA e Educação Profissional

Coordenadoras: Jacqueline Maria B. Vitorette e Mad'Ana Desirée Ribeiro de Castro (CEFET-GO)

Relatores: Marco Aurélio Alves Vicente e Izabel Maria Damaso Bueno (SME/Goiânia)

Estiveram presentes neste GT 41 pessoas das mais variadas áreas de conhecimento. Representaram 14 municípios. Os trabalhos iniciaram com a apresentação dos participantes, que foram convidados a dizerem o nome, cidade e atuação na EJA.

Foi feita a leitura de um texto reflexivo preparado pelas coordenadoras do GT, que serviu como aquecimento das discussões do grupo.

O CEFET é pioneiro na forma de atendimento na questão da profissionalização. Está ministrando cursos nos moldes do PROEJA (Programa.), ou seja, profissionalização com EJA desde 2005.

Foi elaborado um Curso Técnico em Serviços de Alimentação e cinco CEFET'S já trabalham neste programa. A questão que fica é: qual será a profissionalização para estes educandos? Será uma formação rápida, aligeirada, ou será no sentido de emancipação?

No CEFET, ainda é muito forte a discussão de formação rápida/dinâmica e muito atrelada ao mercado. Como pensar esta formação? Como articular EJA e Educação Profissional? Será que terá que voltar a visão de uma educação superficial porque é para trabalhadores? Esta é uma discussão forte no CEFET. E a partir desse nosso debate, esperamos tirar proposições que auxiliem nesta discussão interna.

Surgiu a pergunta sobre o Programa Escola de Fábrica, se é a mesma coisa. Foi explicado que não, que a Escola de Fábrica é um outro programa, com orientações e expectativas diferentes do PROEJA. A Escola de Fábrica é um programa do Governo Federal de formação continuada para os trabalhadores. Enquanto o PROEJA, todos os sistemas que querem podem implementá-lo (municípios, sindicatos, ong's, estado, sistema "S"). No site do MEC, é possível encontrar todas as informações sobre o Programa, forma de custeio, contrapartida da entidade. Portanto, é possível obter este financiamento desde que se apresente um projeto pedagógico/diretrizes ao MEC.

Outra pergunta foi, se uma escola de forma individual, pode apresentar um projeto ao MEC. Foi explicado que o mesmo deverá passar pela respectiva Secretaria. Mas que esta demanda pode ajudar o encaminhamento por parte da Secretaria.

Quanto ao PROEJA, no CEFET, os alunos foram selecionados via sorteio, nos demais cursos do CEFET a entrada também é por sorteio, mas se paga uma taxa, enquanto que no PROEJA não. Nas duas turmas, o curso foi direcionado aos trabalhadores de “*Pit-dogs*” donas de casa, restaurantes, pessoas que trabalham em feiras, e, especialmente pessoas que moram nas periferias. Todavia, a divulgação foi via internet, o que dificulta no atendimento aos trabalhadores.

Outro desafio que foi discutido é como ensinar química de forma significativa, como articular o conhecimento escolar com outras necessidades. A formação precisa ser repensada, não pode simplesmente “despejar” o conhecimento pronto no aluno. O curso necessita de uma coordenação, necessidade de sensibilizar a direção, o PROEJA dentro do CEFET é um resgate da escola pública, uma luta pelo atendimento aos jovens. Há uma necessidade de sensibilizar os professores para este trabalho diferenciado, pois eles recebem alunos com dificuldades de leitura. Faz-se necessário criar novos caminhos.

Somente uma coordenação se sensibilizou para atender a demanda de Hotelaria/Alimentação. As outras coordenações caminham mais no sentido de cursos tecnológicos superiores, ainda não se sensibilizaram para esta demanda. A primeira turma iniciou com 15 educandos em uma época de greve, mas permanecem até hoje. A articulação de EJA com a qualificação profissional é muito importante, e vai ao encontro das necessidades dos educandos.

Um das participantes de Goiânia, disse que aqui não é possível nem atender o ensino médio, pois esta é responsabilidade do Estado. Muitos alunos têm dificuldade de leitura e escrita, e como poderia atender a profissionalização, sendo que primeiro é preciso se tornar alfabetizador no ensino fundamental (5ª série).

Hoje só há diretrizes para o Ensino Médio, o ensino profissional exige uma grande estrutura para atender a profissionalização. Uma das grandes discussões no MEC, trata do financiamento para a construção de laboratórios, pois não dá para fazer profissionalização sem esta estrutura.

As metas da CONFINTEA ainda não foram alcançadas, tanto em Goiânia, quanto em todo Brasil ainda há muitos analfabetos. O desafio das capitais é receber sempre pessoas não escolarizadas que chegam de outros estados. Assim, para o ensino fundamental seria a apresentação apenas de conceitos básicos, e no ensino médio a profissionalização. Uma sugestão é que a RME de Goiânia faça alguma parceria para atender os alunos, especialmente àqueles que terminam o ensino fundamental.

Os professores ainda estão fechados em suas disciplinas. Eles precisam enfrentar o desafio da reconstrução do currículo, e discutir com seus alunos o mundo do trabalho, e só depois a profissionalização. Faz-se necessário discutir esta questão com serenidade, pois há ainda muitos desafios, como por exemplo, a alfabetização.

No interior da escola, a discussão do mundo do trabalho é ainda muito pequena, levando em conta o mercado que explora os trabalhadores. O desafio maior é pensar coletivamente a teoria e a prática, o trabalho interdisciplinar, num currículo para o educando trabalhador.

Na RME Goiânia há o desafio de melhorar o ensino fundamental, pois se o aluno não escreve é por que também não fala, ele se sente menos em tudo. Devemos ter um ensino significativo para o nosso aluno, bem como a forma de repassar esse ensino para ele. Há a necessidade de politizar e conscientizar os educandos, e os cursos profissionalizantes devem ir ao encontro das necessidades e interesses dos mesmos.

Conforme dados do MEC, existe um decréscimo no número de alunos do ensino fundamental e médio, e um aumento dos cursos profissionalizantes, ou seja, existe interesse por parte do educando.

Uma outra questão discutida pelo grupo foi a precarização do trabalho e salário de muitos dos educandos da EJA. Muitos deles buscam a escola na expectativa de melhorar o seu salário, até mesmo

por orientação dos seus patrões, desejando melhorar a sua vida, como é o exemplo de Trindade, um pólo confeccionista.

Há muitos educandos que trabalham na rua, onde a exploração é ainda pior que os alunos que tem trabalho formal. Diante de tudo isso a questão levantada foi a de como articular EJA e profissionalização, será benéfico ou não; as necessidades de estrutura como isto vai ajudar a incluir estas pessoas, tanto no mercado capitalista, quanto via cooperativismo, e outras formas de associativismos; como resgatar estes educandos, via o mundo do trabalho, quais são as discussões necessárias, as novas técnicas, o desemprego. Muitas questões estão postas, temos um novo mercado e novas técnicas (robótica, informática), além do desafio da alfabetização, e o aluno que está fora do mercado.

Foi comunicado o exemplo de uma escola, onde uma ONG se propôs a dar um curso de qualificação de babás e a procura foi muito baixa, pois as meninas querem trabalhar com computador, existe um forte preconceito contra o trabalho doméstico e manual. A nossa origem escravocrata leva a esse tipo de preconceito. No curso do CEFET, que lida com a cozinha, eles buscam mostrar que lá se trabalha com conhecimentos muito específicos tais como: química, física, biologia, e que o trabalho é importante e significativo, além disso, nosso país deve buscar técnicas brasileiras, ou seja, o segredo de como fazer que se esconde por trás do fazer, necessitamos de técnicas desenvolvidas apropriadas a nossa realidade.

O desafio é grande, uma vez que o aluno da EJA já está inserido no mercado, e o PROEJA pode auxiliar numa inserção melhor deste aluno, devemos discutir isso em nossas RME's, e este GT tem o mérito de levantar esta discussão, e mostrar a necessidade dos educandos.

Ora, é fundamental o aluno saber ler e escrever, pois muitos têm esta dificuldade, o que leva até a problemas no trabalho e na vida cotidiana; como o uso do caixa eletrônico e os elevadores mais modernos. Assim, toda escola deveria ter laboratório de informática.

O PROEJA já prevê o atendimento do Ensino Fundamental, mas falta o MEC editar os princípios básicos. A respeito da discussão de que Coordenadoria do CEFET iria ofertar cursos na modalidade de EJA, estava na cabeça da maioria que este curso deveria ser um curso mínimo, aligeirado, pois era assim que se enxergava o jovem, mas isto está mudando. Isto está posto, especialmente nas Redes Federais. Há uma amplitude de possibilidades de atendimento e uma ótima formação. É oferecido ao aluno a possibilidade de continuar a sua formação escolar. No decreto original a formação era mínima, mas hoje ele funciona em três anos, e poderia ser em quatro.

Hoje os alunos estão desenvolvendo uma máquina em parceria com a Universidade, com as engenharias e áreas de ciências. O conhecimento adquirido pode levar ao desenvolvimento de novas técnicas e a inserção do aluno de forma qualificada e com qualidade.

Muitas vezes, o trabalho do professor se limita a copiar livros. Ora, a educação com o aluno trabalhador, deve ser interdisciplinar respeitando o conhecimento que ele já possui e traz para a escola. Tem que ser uma via de mão dupla, os alunos desejam aprender, por isso é importante fazer horário de aulas, que vai ao encontro da realidade do aluno como, por exemplo, os cursos que vão das 16h às 20 h.

Uma participante contou de sua experiência desafiadora com educandos oriundos do Nordeste, que trabalham no corte da cana. Eles têm um enorme desejo de aprender, e a escola está buscando atendê-los. A possibilidade de um curso profissionalizante seria fundamental para eles.

Na cidade de Rio Verde, acontece a forma presencial e semi-presencial para a EJA, além de já estarem pensando o profissionalizante devido a demanda da região.

O currículo deve ser conhecido e reconstruído cotidianamente no dia-a-dia da sala de aula, deve partir da realidade dos educandos.

O PROEJA foi a forma encontrada para fazer a inclusão no CEFET, mas um desafio ainda é o financiamento do mesmo, embora, já exista um projeto na Câmara dos Deputados para criar o FUNDEP.

A discussão continuou a respeito da qualificação profissional, num exemplo citado uma empresa necessitava de motoristas, apareceram muitos candidatos, mas não tinham o perfil que a empresa exigia, pois além de saber dirigir, necessitava também de conhecimentos de cidadania, leis de trânsito, etc., isso vai ao encontro do que está sendo discutido, pois, a qualificação exige mais do que a escolaridade e o saber fazer, e pode abrir novas expectativas para os alunos, e que esta formação deve ser um compromisso político de todos.

Há muitas dificuldades encontradas pelos municípios na relação com a SEE, a falta de informação para a realização do trabalho com a EJA, bem como a burocracia de se ter acesso aos documentos da EJA, além da falta de material. Segundo a coordenadora, nos próximos anos o MEC deverá ser o grande articulador desta política, para facilitar a comunicação e o conhecimento do PROEJA. Apesar das realidades diferentes entre as redes federal, estadual e municipal, os alunos da EJA têm as mesmas demandas, necessidades e realidade. A coordenadora levantou que se queremos o caminho da profissionalização, deve haver uma luta para garantir recursos, daí a necessidade de transformar este programa em política pública para jovens e adultos. E deve ficar definido de onde virá este recurso. Neste ano o CEFET recebeu cerca de 1100,00 por educando/ano para financiamento do Curso.

Uma outra dificuldade relatada a partir da vivência no programa está relacionada com educação profissional inicial para adolescentes.

Na RME de Goiânia o atendimento é diversificado, existe também um projeto de implantação dos CEMEAJA, mas que enfrenta a falta de recurso para a sua implementação. O mesmo necessitaria de possuir uma boa estrutura, e que no sentido de atender a profissionalização poderia haver uma reserva de vagas no curso do PROEJA, para alunos oriundos das redes públicas.

Os CEFET'S possuem uma grande experiência na área de profissionalização, e as redes públicas podem apresentar demandas a eles, tanto no que diz respeito aos cursos a serem ministrados, quanto ao número de vagas, e estas demandas com certeza irão pressionar os CEFET'S, MEC, no sentido de atender às necessidades, lembrando que está havendo uma grande expansão dos CEFET'S. O CEFET Goiânia está ministrando um Curso de Especialização em EJA, e em agosto deste ano haverá uma nova turma, abrindo possibilidades de atendimento aos profissionais das redes municipal e estadual. Nove pólos – CEFET estão fazendo uma pesquisa na área da profissionalização em parceria com a Universidade Federal de Goiás.

Após a discussão, foram apresentadas as seguintes deliberações/encaminhamentos:

- 1- Transformar o PROEJA em política pública, com garantia de recursos;
- 2- Que as Redes municipal e estadual pesquisem com os alunos, quais são as suas necessidades/interesses em relação à formação profissional;
- 3- Que as Redes Municipal e Estadual apresentem as suas demandas de cursos aos CEFET's, conforme a pesquisa com alunos;
- 4- Reserva de vagas no PROEJA (CEFET) para educandos das redes públicas;
- 5- Parceria das redes municipal e estadual com o CEFET no oferecimento de Cursos de Especialização em EJA e Profissionalização, não somente em Goiânia, mas em outras cidades;
- 6- Discussão/reflexão em relação ao tipo de profissionalização que queremos para a educação profissional: formação do professor, currículo, qualidade, diretrizes, com integrar formação profissional e escolaridade, etc.

SOCIALIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS:

Às 15h dia 04/05/2007 iniciaram as atividades de Socialização de Experiências que compõe a programação do VI Encontro Estadual de EJA – Educação Básica e Formação Continuada. Esta atividade foi pensada com a finalidade de promover espaços de diálogo entre os educadores, com experiências nas mais diferentes formas de organização do trabalho em EJA.

As apresentações foram selecionadas a partir do registro nas inscrições, totalizando dezoito trabalhos. A comissão organizadora decidiu subdividi-las em cinco grupos de trabalho a partir da análise das inscrições por eixos-temáticos. O Grupo I foi coordenado pela professora Dinorá de Castro Gomes - SME; o Grupo II pela professora Helimar Vieira Morais – SEE; o Grupo III pela professora Virgínia Silva – UCG; o IV Grupo pela professora Claudia B. Costa – SME e o Grupo V foi a Oficina de Projetos destinada a gestores e coordenadores realizada pela professora Maria Margarida Machado.

Cada coordenador ficou responsável por organizar o tempo, a forma das apresentações e as discussões no grupo. O relato a seguir, é uma síntese das atividades desenvolvidas nos grupos, as principais questões debatidas e eventuais propostas/encaminhamentos sugeridos durante as apresentações.

GRUPO I - Sala 02 - Coordenadora - Dinorá de Castro Gomes

No primeiro momento a professora deu boas-vindas a todos e estabeleceu, juntamente com o grupo presente, cerca de 50 pessoas, o teto 20 min para cada apresentação, e 10 min para o debate, foi disponibilizado o data-show para as apresentações.

Título: Família e crise de autoridade: reflexões

Autora: Luiza Pereira Monteiro

Instituição: Secretaria Municipal de Educação – Goiânia – Divisão de Ed. de Adolescentes, Jovens e Adultos - DEF-AJA

A Professora Luiza apresentou sua pesquisa de Mestrado - UCG realizada em Goiânia em 2005, envolvendo mais de 2000 famílias. Algumas questões que delinearão sua pesquisa: Qual é a principal base de apoio da família? Qual o papel da família? Em seguida a Professora discorreu sobre o conceito de família por ela trabalhado, informando que sua proposta é uma crítica ao discurso da crise, o que caracteriza culturalmente é o discurso de autoridade. Apresentou alguns pontos metodológicos que nortearam sua pesquisa: Os desafios para estudar a família: recorte teórico-metodológicos: educação/criação dos filhos; eixo de análise: relações de poder na família; história dos valores éticos, dos padrões morais dominantes e de suas formas desviantes; universo da pesquisa: 2.272 famílias, dessas 680 eram famílias com filhos de 0 a 18 anos incompletos, que responderam o questionário, cujas perguntas foram as seguintes: 1) “Onde busca informações sobre educação criação dos (as) filhos (as)?” 2) “Com quais pessoas você costuma buscar informações quando tem problemas com os (as) filhos (as)?” 3) “Quem a (o) ajuda na educação/criação diária (em casa) dos (as) filhos (as)?” 4) “Com quem você conversa quando tem problemas com os filhos (as)?” 5) “Na sua ausência quem o (a) substitui na educação/cuidado dos seus (as) filhos (as)?”

Essas questões nos convidam a refletir sobre o papel da família como *cuidadora* dos seus filhos e compreender as configurações da educação familiar em Goiânia.

Após a exposição, aconteceu um breve debate com perguntas relacionadas à realidade das famílias e as mudanças que estão ocorrendo neste segmento. A professora fechou sua exposição,

destacando que muito do que preparou não foi possível expor, devido ao tempo, e se dispõe a dialogar com o grupo em momento oportuno.

Título: Um olhar pedagógico sobre jovens infratores e menores abandonados

Autores: Adecílio Marques de Souza e Conceição Maria Pereira Rezende

Instituição: RME – Goiânia - Projeto – AJA

Esta apresentação contou com dois Professores que atuam na Rede Municipal de Goiânia, no Projeto AJA. No primeiro momento o professor Adecílio Marques de Souza apresentou a estrutura e a forma de organização, sua rotina de atendimento, aos menores assistidos destacando que estes menores têm de 9 a 16 anos, e que alguns chegam aos abrigos numa condição de menor infrator, violência e total abandono, sendo encaminhados até a instituição por meio do Conselho Tutelar.

Em seguida aconteceu a exposição da professora Conceição Maria Pereira Rezende, que fez o relato de sua experiência num grupo de adolescentes em situação de exclusão. Ela propôs a leitura do texto “Um olhar pedagógico sobre jovens e menores abandonados”. Logo depois abriu-se para o debate e os professores responderam algumas questões apresentadas pelo grupo acerca da prática pedagógica realizada nos espaços alternativos em que trabalham.

A apresentação finalizou com a música “bandido com razão”. A sugestão do grupo, após a apresentação, foi para se criar espaços para que a socialização deste e de outros trabalhos desenvolvidos na Rede, valorizando, assim, o trabalho dos profissionais da EAJA.

Título: Jogos de salão – um facilitador no desenvolvimento da aprendizagem na EAJA

Autora: Núbia Afonso de Carvalho Silva

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Goiânia – Escola Municipal Vila Rosa

Esta apresentação foi um relato de experiência (projeto) promovida pelos professores de Educação Física da Escola Municipal Vila Rosa. A professora Núbia Afonso de Carvalho Silva destacou que no início os alunos rejeitavam as atividades propostas e a partir daí o coletivo teve um olhar diferenciado e decidiram se reunir para juntos planejarem “aulas diferenciadas”. Esta proposta envolve o trabalho interdisciplinar.

Foram projetadas várias fotos que demonstraram as atividades desenvolvidas com os alunos, e a professora destacou que no processo de avaliação o grupo já identificou melhoria no que se refere à qualidade das aulas, pois estas agora são bastante dinâmicas, interativas e envolventes e os alunos estão mais receptivos com as propostas de atividades diferenciadas.

O grupo presente elogiou o trabalho desenvolvido e alguns fizeram perguntas específicas sobre as oficinas apresentadas. Logo em seguida a professora Núbia e o professor Francisco, que estava presente e é um dos professores do coletivo, ressaltaram que ainda há muito por fazer, e que o grupo está empenhado em continuar.

Título: O que aprendo na escola é o que preciso para mudar a vida? As práticas sociais de leitura e escrita da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos – EAJA: Encontro no Desencontro

Autora: Wilma Martins Carvalho

Instituição: Secretaria Municipal de Educação – Goiânia – (CEFPE)

A Professora Wilma Martins Carvalho, apresentou sua pesquisa de mestrado, realizada no ano de 2005, pela Universidade Católica de Goiás e desenvolvida junto aos alunos da Educação de

Adolescentes, Jovens e Adultos - EAJA, de 1ª a 4ª séries, de uma escola da Secretaria Municipal de Educação - SME de Goiânia.

No primeiro momento ela fez uma exposição geral dos motivos e intenções da proposta de trabalho, em seguida passou a apresentar como a pesquisa se desenvolveu, tanto da forma metodológica como os aspectos teóricos. Falou dos esforços de educadores e teóricos para abarcarem a dimensão da complexidade dessa modalidade de ensino que ainda tem um longo caminho a percorrer. Foi destacado as questões das práticas “*bancárias*” e o desafio de construir propostas que valorizem a diversidade apontando a proposta da EAJA como uma perspectiva de educação que se opõe à exclusão social. Reforçou que os princípios da proposta têm como sustentação a educação libertadora e o objetivo de contribuir para uma sociedade mais justa.

Justificou que foi a proposta da EAJA que direcionou o foco da investigação para as práticas sociais de leitura e escrita desenvolvidas pelos alunos da EAJA em seu contexto social, por entender que estas práticas contribuem para a inclusão do sujeito no contexto cultural letrado. Explicou, também, sobre os fundamentos teóricos que consistem no letramento e que para a avaliação do “uso social da leitura e escrita” foi utilizado dois conceitos básicos: Letramento Funcional e Letramento Revolucionário. A Professora finalizou sua apresentação destacando que o domínio da leitura e escrita contribui para a inserção do aluno no seu meio social, embora, no campo observado esta inserção acontece na perspectiva de Letramento Funcional.

Título: *A Escola Municipal Flor do Cerrado: uma experiência de educação de adolescentes, jovens e adultos em Goiânia*

Autora: Dinorá de Castro Gomes

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Goiânia

O trabalho apresentado é resultante de uma pesquisa feita para a obtenção do título de Mestre pela UCG de Dinorá de Castro Gomes, que também é professora da EAJA da RME de Goiânia. A pesquisa tem como tema: "A Escola Municipal Flor do Cerrado: uma experiência de educação de adolescentes, jovens e adultos em Goiânia".

Em sua exposição foi mencionado um breve histórico da construção da proposta da EAJA da Rede Municipal de Educação de Goiânia, o seu princípio teórico-filosófico e um pouco do movimento interno da escola investigada, para por em prática essa proposta. A expositora pontuou que, apesar de seus esforços, a escola investigada ainda se pauta por uma prática educativa construída 'para' os alunos, ao invés de uma prática construída 'com' os alunos, conforme o que direciona a proposta de EAJA da Rede Municipal de Educação de Goiânia.

Dos cinco trabalhos apresentados, quatro estão relacionados às práticas da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos no município de Goiânia. Todos os temas provocaram debate e interesse dos participantes. Algumas pessoas do grupo destacaram a importância de definir um espaço de discussão permanente para socialização dos estudos/pesquisas desenvolvidos na EAJA.

Durante as apresentações, além dos debates fomentados pela discussão dos temas, foi reivindicada a criação de espaço para estudo, GTEs, como acontece em Goiânia bem como a criação de um Seminário para apresentação de atividades desenvolvidas na EJA, no que diz respeito as pesquisas e as propostas que estão sendo desenvolvidas em sala de aula. A professora Dinorá encerrou as atividades às 18h e 20min agradecendo a presença de todos.

Grupo II - Auditório - Coordenadora: Helimar Vieira Moraes

Estavam na coordenação dessa atividade as professoras Helimar Vieira Morais e Nilza Consolação Lopes, ambas técnicas da Gerência Técnico-Pedagógica de EJA do Estado. A professora Helimar Vieira deu as boas-vindas a todos e logo iniciou os trabalhos.

Título: Programa Viva e Reviva – Relatos de trabalhos em unidades escolares que estudam e pesquisam a cultura, a identidade e a história local em projetos próprios

Autora: Rosaura de Oliveira Vargas das Virgens e Ivone Maria da Fonseca Borges

Instituição: Secretaria de Estado de Educação – Superintendência de Ed. a Distância - SUED

A primeira exposição de trabalho referiu-se ao “Programa Viva e Reviva – relatos de trabalhos em unidades escolares que estudam e pesquisam a cultura, a identidade e a História local em projetos próprios”. As Professoras Rosaura e Ivone mostraram as experiências em alguns municípios e escolas, relataram o que é o programa, que busca estabelecer uma interação entre escola e sociedade em geral. E em especial, uma ação que apóia os projetos na perspectiva da pesquisa e do trabalho colaborativo.

As escolas entram no projeto através de adesão, buscando na comunidade em que se encontram inseridas informações sobre temáticas propostas que permitem aos alunos buscarem, no saber dos mais velhos, nossas características regionais, na história oral, respostas para determinados questionamentos ou para vivenciarem a cultura local. Mostraram ainda, alguns municípios e escolas que trabalham com o programa. Como é o caso de Pilar de Goiás – Col. Est. Pilar de Goiás; Pirinópolis – Col. Est. Senhor do Bonfim; Monte Alegre de Goiás – Esc. Est. Dona Joaquina Pinheiro; Catalão – Col. Est. Abraão André, Esc. Est. Dr. David Persicano; Três Ranchos – Esc. Est. Maria Elias de Melo; Cidade de Goiás – Esc. Est. Cora Coralina, Col. Est. João Augusto Perillo; Jataí – Esc. Est. Frei Domingos, Esc. Est. Emília Ferreira de Carvalho, Col. Est. Serafim de Carvalho; Porangatu – Esc. Est. Presidente Kennedy, Esc. Est. João Fagundes Furtado; Uruaçu – Esc. Est. Joana D’arc; Jaraguá – Col. Est. Balthazar de Freitas.

Foi explicado que a característica fundamental do programa é perceber que o aluno ao partir do presente para olhar o passado, prevê o futuro. O objetivo do projeto é desenvolver ações de fortalecimento de identidade cultural, reforço da auto-estima e preservação do patrimônio histórico/cultural, com abordagens em Educação Patrimonial por meio de projetos propostos e realizados pelas escolas, com apoio técnico e pedagógico da Superintendência de Educação a Distância – SUED.

Título: Formação Continuada: uma experiência da Rede – Rede colaborativa

Autora: Helimar Vieira Morais

Instituição: Secretaria de Estado da Educação - Superintendência de Ed. a Distância - SUE

A Prof^ª. Helimar Vieira Morais, apresentou a experiência da Rede Colaborativa de Acompanhamento Pedagógico a EJA, que surgiu da necessidade de subsidiar o trabalho das duplas pedagógicas e dos envolvidos no acompanhamento dos processos de ensino e aprendizagem dos jovens e adultos, das escolas que oferecem cursos nessa modalidade.

O projeto é piloto, envolvendo as Sub-secretarias, municípios, Núcleos Regionais de Educação – NURED’s, e os 06 (seis) municípios envolvidos são: Anápolis, Iporá, Aparecida de Goiânia, Ceres, Porangatu e Goianésia.

Como o ambiente virtual (MEC) permite o aparecimento da proposta de formação para todo o país, professores de outros estados e de NTE’s fazem parte do grupo. Nesse projeto contamos com algumas ferramentas como: Agenda, E-mail e Bate-papo, Fórum, Diário de Bordo, Biblioteca – material do professor, Módulo – Atividade do Módulo.

Com esse suporte de formação tivemos no primeiro momento algumas descobertas e benefícios: maior aproximação da equipe técnico-pedagógica de EJA com as Subsecretarias; troca de experiências entre os estados de Goiás, Mato Grosso do Sul e Brasília nas questões relativas à EJA; apropriação do material disponibilizado no ambiente virtual da Rede para Formação dos Professores de EJA; maior domínio das ferramentas computacionais, tanto por parte das duplas pedagógicas, quanto pelos técnicos pedagógicos da EJA; início de formação de grupos de estudo nas escolas com participação de professores e das duplas pedagógicas.

A Rede Colaborativa também possui como meta, agregar a Formação de Professores e Agentes Prisionais do Projeto Educando para a Liberdade.

Título: Projeto de curso modularizado para EJA

Autora: Lázara Franco de Lima e Natércia Borges Damaceno

Instituição: Secretaria de Estado da Educação – Centro de Educação de Jovens e Adultos Arco Íris - CEJAAI

Na seqüência as professoras Lázara Franco de Lima e Natércia Borges Damaceno do Centro de Estudos Arco-Íris, apresentaram o Projeto de Curso Modularizado para EJA. As professoras falaram da organização geral, objetivos e o trabalho pedagógico desenvolvido pelo projeto que tem como público-alvo, alunos do Ensino Fundamental e Médio, sendo um projeto piloto da SUED juntamente com a escola, implantado em 2005, com o objetivo de oferecer aos educandos a oportunidade de acesso, permanência e formação com maior qualidade educacional.

O trabalho pedagógico é desenvolvido em módulos por área de conhecimento e de forma interdisciplinar, com aulas de duração de uma hora e meia; planejamento semanal coletivo; momentos de estudos individuais e/ou pequenos grupos; atendimento individualizado aos alunos com dificuldades de aprendizagem; projetos de atividades por grupo de interesse, desenvolvimento e acompanhamento dos projetos individual ou de grupo, já tendo sido trabalhados projetos na área social – palestras sobre saúde da mulher, métodos contraceptivos, Aids, entre outros; na área do trabalho – cabeleireiros, manicure, alimentação, vestuário, dentre outros. O projeto conta ainda com uma frequência e entrada flexível, onde o aluno busca oportunidade de recuperar conteúdos e frequência, através de plano de estudo oferecido pela unidade escolar.

A avaliação é comprometida com o processo contínuo de ensino aprendizagem, por isso, não visa apenas quantidade (números e notas), mas a qualidade na construção do conhecimento por parte dos professores e alunos.

Finalmente as professoras destacaram que tanto para a escola como para os educandos a experiência tem sido satisfatória, uma vez que o projeto propicia o aproveitamento das vivências, culturas e história de vida dos alunos.

Título: A EJA de 1ª a 4ª séries no Sistema Prisional: Educando para a liberdade

Autora: Mirna Inês de Souza Silva Brito e Haidé Pires Roza Resende

Dando continuidade às trocas de experiências, tivemos apresentação do Projeto “A EJA de 1ª a 4ª séries no Sistema Prisional: Educando para a liberdade”. O projeto foi apresentado por duas regionais e pelas professoras Haidé Pires Roza Resende – Subsecretária de Piracanjuba e Mirna Inês de Sousa Silva Brito – Coordenadora do Projeto na Regional de Anápolis.

As expositoras destacaram que esta ação é uma parceria entre Secretaria de Justiça e Secretaria Estadual de Educação. O projeto destina-se nesse primeiro momento ao Ensino Fundamental – 1ª a 4ª séries, para reeducandos dos sistemas prisionais de Goiás. Em seguida mostraram depoimentos

de professores, alunos, diretores de presídios e promotores de justiça, ressaltando a importância do projeto dentro do sistema prisional.

O projeto visa também a formação continuada dos professores e agentes penitenciários, sendo oferecido de forma contextualizada no processo de desenvolvimento dos profissionais, centralizada nas situações reais por eles enfrentadas, e que busca a integração das ações, a troca de experiências e a reflexão sobre temas de interesse coletivo e outros que atendam às particularidades da demanda escolar a ser atendida.

A coordenação geral do projeto é da Superintendência de Educação a Distância/Gerência de EJA e Superintendência de reintegração Social/Gerência de Assistência Educacional e Profissional. A professora Madalena Carvalho de Melo, do comitê regional, falou como se tem dado o processo de formação e quais os locais onde o projeto já está implantado: Anápolis – 3 formações; Aparecida de Goiânia – 3 formações; Luziânia e Formosa – 1 formação; Catalão, Piracanjuba, Quirinópolis e Jussara – até o presente momento ainda não tiveram formação.

A carga horária total dessa formação é de 120 h, sendo 70 horas presenciais e 50 horas não presenciais. Com os depoimentos das duas regionais acima citadas, percebe-se que o projeto está sendo aceito e tem possibilidade de expansão.

GRUPO III – Sala: 01 Coordenadora: Virgínia Silva

A Professora Virgínia Silva, coordenadora do grupo, deu as boas-vindas, esclarecendo ao grupo a dinâmica para a realização dos trabalhos seguindo com a apresentação do grupo.

Título: A produção de texto na sala de alfabetização do Programa AJA-Expansão

Autora: Maria de Fátima Araújo Cruz

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Goiânia

O primeiro trabalho do grupo foi a apresentação da experiência da educadora popular Maria de Fátima do programa AJA-Expansão/Brasil Alfabetizado. Ela apresentou uma aula, desenvolvida com os alunos, cujo tema gerador foi água. Relatou os procedimentos metodológicos, os recursos utilizados e os principais resultados obtidos. Explicou que a iniciativa de abordar este tema se deu a partir da necessidade de conscientizar os educandos sobre a preservação da água, e ainda, de ajudá-los na leitura das contas que são cobradas mensalmente pelo poder público. De maneira geral as pessoas que participaram, elogiou o trabalho da educadora, principalmente pela iniciativa e perspectiva interdisciplinar que envolveu todo o trabalho.

Título: EJA: Afinal, que leitor é esse?

Autora: Ana Cláudia Ribeiro Cardoso de Oliveira

Instituição: Escola Estadual Castelo Branco/ Universidade Federal de Goiás

A apresentação feita pela Ana Cláudia Ribeiro Cardoso de Oliveira expôs a pesquisa que esta sendo realizada no Mestrado na Universidade Federal de Goiás. A autora falou da intencionalidade dos seus estudos que visa investigar o trabalho desenvolvido na rede pública municipal no que se refere à leitura. Situou a respeito do contexto que a pesquisa esta sendo desenvolvida bem como a metodologia utilizada para perceber se os seus sujeitos (alunos e professores) gostam de ler, o que gostam de ler e como percebem a leitura.

Título: Curso de Pedagogia na UCG: inserção da EJA

Autoras: Alda Maria Borges - Virgínia Silva - Marilurdes Santos de Oliveira
Instituição: Universidade Católica de Goiás

O terceiro grupo contou com a participação de três professoras da UCG, a professora Dr^a *Onoris causa* Alda Maria Borges; a professora Virgínia Silva e a professora Marilurdes Santos de Oliveira. As professoras apresentaram o trabalho que a Universidade Católica de Goiás vem desenvolvendo em relação à Educação de Jovens e Adultos. Foi feito um breve retrospecto histórico destacando o trabalho da UCG, nesta área, desde a década de 60 nos embalos dos movimentos populares da época. Atualmente, compõe o programa do Curso de pedagogia, a disciplina Educação de Jovens e Adultos, sendo esta, obrigatória para todos os alunos. Além disso, é oferecida a disciplina Estágio Supervisionado no qual os (as) alunos (as) realizam atividades em campo na EJA. Para além da perspectiva de ensino, a UCG também realiza assessorias na área e tem representação no Fórum de EJA. Em geral, a participação e receptividade do grupo em relação aos temas apresentados foram satisfatórias.

IV Grupo – Sala: 02 - Coordenação: Professora Claudia B. Costa

Foi um momento rico de vivência nessa tarde em que alguns professores socializaram suas experiências na EJA, desenvolvidas em escolas da Rede Municipal de Goiânia e outros municípios de Goiás. Inicialmente, foi acordado o tempo de cada apresentação e do debate entre as mesmas.

Título: Projeto AJA – Experiência de 1ª a 4ª séries para adolescentes, jovens e adultos: proposta e desdobramentos

Autora: Margareth Porfírio Machado

Instituição: SME-Goiânia – Divisão de Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos

A primeira apresentação foi da professora Margareth Porfírio Machado que relatou a experiência da Rede Municipal de Ensino, Projeto AJA - de 1ª a 4ª série para adolescentes, jovens e adultos: proposta e desdobramentos. Margareth expôs sobre os diversos horários e locais em que são desenvolvidas essas práticas. Em algumas escolas, funciona no turno vespertino, em outras, no noturno, e em outros locais, em turnos intermediários. A professora exemplificou com o caso da COMURG, que atende no horário de 17h e 30min às 20 horas. O horário e o local vêm se adequando para atender às necessidades de uma determinada comunidade. A formação dos professores acontece semanalmente. Por meio dos temas geradores, os educadores vêm buscando envolver os educandos no processo de aprendizagem.

Título: Como aprender a ser professor na EJA

Autora: Denise Elza Nogueira Sobrinha

Instituição: Faculdade de Educação – Universidade federal de Goiás

A professora Denise Elza Nogueira Sobrinho, integrante do quadro de profissionais da Universidade Federal de Goiás, trouxe a experiência das alunas do curso de pedagogia da Faculdade de Educação/UFG, que estagiaram na Escola Municipal de Goiânia João Paulo II, lá puderam desenvolver a experiência de uma rádio onde os alunos falavam da importância do trabalho, da profissão e também da escola. A experiência da professora Denise foi bastante envolvente, pois trouxe a voz dos educandos da EAJA, a partir dos trabalhos das alunas da Universidade, que buscavam aprender a ser professor (a) na EJA.

Título: Minhas Experiências na Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos

Autora: João Bosco Correia Mendonça

Instituição: Escola Municipal Georgeta Rivalino

A terceira experiência foi do professor João Bosco Corrêa Mendonça, da Escola Municipal de Goiânia Georgeta Rivalino Duarte, que expôs de forma sensível e poética como aprendeu a ser professor na Rede Municipal de Goiânia, por meio dos próprios sujeitos da EAJA. Como professor de matemática e com larga experiência em escola particular, surpreendeu com a realidade quando entrou na RME/Goiânia, o que o levou a fazer uma revisão em toda a sua forma de ser professor. Percebeu que a matemática não podia ser isolada das outras áreas de conhecimento e nem podia ser isolada da vida dos educandos. Aprendeu também que ser professor é acima de tudo respeitar o educando, até mesmo o sono daquele que está bastante cansado. O professor terminou enfatizando a importância de ouvir os alunos para buscar alternativas para a construção da aprendizagem.

Título: Educação de Jovens e Adultos: Inclusão ou exclusão?

Autor: Helder de Oliveira Silva

Instituição: Universidade Estadual de Goiás

O professor Helder de Oliveira Silva do município de Itapuranga delineou o trabalho que tem desenvolvido na escola, onde atua, em conjunto com projetos da UEG na perspectiva de propiciar aos alunos da EJA a inclusão social. O professor trouxe a preocupação que a EJA deve ter, de fato, em incluir socialmente o aluno. Criticou alguns projetos que acabam promovendo a exclusão.

Título: Trabalhos Manuais e auto-estima (pôster)

Autora: Mara Anali Freitas Bueno

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Goiânia E. M. João Braz

A professora Mara Anali Freitas Bueno, da Escola Municipal de Goiânia João Braz, apresentou um pôster com fotografias de trabalhos manuais realizados pelos educandos da EAJA. A professora realiza esses trabalhos com os alunos que necessitam de reforço no período matutino e vespertino. Realizando essa atividade a professora percebeu a necessidade de trabalhar a auto-estima dos educandos. Dessa forma, através dos trabalhos manuais encontrou um caminho para envolver os educandos e melhorar sua auto-valorização. Para conseguir os recursos para realizar os trabalhos manuais, Mara Anali desenvolve na escola um Bazar da Pechincha, que além de envolver a comunidade possibilita a continuação do projeto dos trabalhos manuais resultando ainda na melhoria da auto-estima.

Título: O diálogo como elemento promotor da auto-estima e da permanência na escola

Autora: Maria Auxiliadora Dias Ribeiro

Fechando o bloco, a professora Maria Auxiliadora socializou sua experiência com uma turma do Projeto AJA e retomou todas as experiências anteriores interligando-as ao pensamento de Paulo Freire que ela trouxe registrado numa transparência.

É importante salientar que os debates, após cada experiência, acabaram oportunizando a todos os participantes a socialização de suas vivências ou até mesmo expressando suas inquietações.

Grupo V - Coordenação: Maria Margarida Machado - Sala: 05

Título: Oficina de Projetos

Expositora: Professora Dr^a Maria Margarida Machado

O objetivo desta oficina foi reunir gestores públicos municipais e estaduais para discutir as resoluções do FNDE/MEC, em especial a resolução que permite acesso ao Programa Brasil Alfabetizado. Os representantes dos municípios presentes puderam esclarecer dúvidas quanto ao preenchimento dos formulários necessários para o acesso aos recursos, bem como distinguir entre a oferta de alfabetização a ser feita por ONGs e por órgãos públicos. Outro aspecto bastante debatido foi o da necessidade dos municípios enviarem seus projetos autônomos, sem depender do projeto da secretaria de estado, pois isto garantiria o início de sua autonomia na oferta da EJA.

PLENÁRIA FINAL E ENCAMINHAMENTOS

A plenária final teve início com algumas informações sobre: as mudanças no Programa Brasil Alfabetizado; a Resolução nº 23 do FNDE do Programa Fazendo Escola (maiores informações no site www.mec.gov.br/FNDE); a Medalha Paulo;

Em seguida foram dados os encaminhamentos de como seria realizada a plenária final com destaque ao momento final onde será lido para a apreciação da plenária, somente as proposições/encaminhamentos e não toda a lista de dificuldades e avanços como se tem feito nos encontros anteriores.

▪ Sobre a criação do 1º Fórum Regional Goiano de EJA:

Foi anunciado solenemente a instalação do **Fórum Regional do Entorno Sul** composto pelos representantes dos quatro municípios presentes: Valparaíso de Goiás – Gildete dos Anjos Sousa, Luziania – Cristina Salatiel de Amorim Souza, Cidade Ocidental – Marieta do Carmo de Oliveira Araújo, Valparaíso (CIA VEM VIVER) – Orlando e de Santo Antônio de Goiás – Juliano, pelo Sintego –Alba Valéria Lemes Lauria

O Município de Minaçu, também manifestou o desejo de se criar o Fórum Regional naquela região.

▪ Sobre a participação dos delegados do Fórum Goiano de EJA nos encontros nacionais:

Foi feita a proposta de se reunirem os cinco segmentos presentes no VI Encontro, quais sejam: IES, ONG's e Movimentos Sociais, Professores, Gestores e Educandos para discutir a possibilidade e se for possível já indicar os nomes para os representantes de cada segmento para o IX ENEJA que se realizará em Curitiba – Paraná de 18 a 22 de setembro de 2007.

Os professores de matemática ajudaram na distribuição das 20 vagas de acordo com o número dos representantes de cada segmento. Ficou assim: Professores (maioria): dez vagas, Gestores – quatro vagas, IES – três vagas, ONG's e Movimentos Sociais – duas vagas e educando – uma vaga. O segmento de professores também retirou os 20 representantes para participarem do II Seminário

Nacional de Formação de Educadores da EJA que acontecerá em Goiânia na Faculdade de Educação - UFG de 30 de maio a 02 de junho do presente ano.

Antes dos segmentos se encontrarem foi feita uma longa discussão do que o Fórum entende por educando e de quem será a vaga para participar do IX ENEJA. O Fórum decidiu que o conceito de educando para pleitear esta vaga não será o de educação ao longo da vida, que dá margem para todos que são educandos de EJA, também esta vaga não será destinada para um representante de educando de universidade, ficou sim determinado que a vaga seja para um educando do Ensino Fundamental e Médio e que uma entidade ficará responsável para financiar a viagem deste educando para o IX ENEJA (já que sem essa condição seria impossível manter tal vaga).

A sugestão acolhida foi que o Fórum convide a educanda D^a Suely Alves Dias que participou do diálogo de abertura deste VI Encontro e a Secretaria de Estado sob responsabilidade da professora Helimar Vieira se ofereceu para bancar as despesas com a viagem.

- **Sobre os delegados do Fórum Goiano de EJA para participar no II Seminário Nacional de Formação de Educadores de EJA em Goiânia FE/UFG nos dias 30/05 a 02/06/2007:**

Entre os interessados do segmento de professores foram sorteados vinte delegados do Fórum goiano de EJA para participar do II Seminário Nacional. De **Goiânia** – Maria Helena Santos, Maria das Dores Silva, Eva Assis Cavalcante A. de Almeida, Dinorá de Castro Gomes, Dallas Mendes S. Cardoso, Luiz Ribeiro da Cunha, Sebastião Cláudio Barbosa, Maria Donizete Mendonça, Sandalúcia C. de Oliveira, Maria Goretti A. dos Reis, Lílian Ponciano Santos, Glicínia Cândida Mendes, Maria Auxiliadora Dias S. Ribeiro. De **Anicuns** – Marcy Cardoso dos Santos, de **Mineiros** – Dione Maria Silva Lauria, de **Morrinhos** – Robison José da Silva, de **São Miguel do Araguaia** – Antônio Pereira da Cruz, de Senador Canêdo – Elaine Ferreira de Souza Lima, de **Luziânia** – Cristina Salatiel de Amorim Souza e Maria Célia de Souza Oliveira.

- **Sobre os delegados do Fórum Goiano de EJA para participar no IX Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos – ENEJA em Curitiba - Pr nos dias 18 a 22/09/2007:**

As vinte vagas do Estado de Goiás para participar no IX ENEJA, ficaram assim distribuídas: O **Sintego** e a **CIA Vem Viver** escolherá um representante. Também do segmento das **IES** (UFG, UCG e CEFET) ficou um representante de cada entidade. Do segmento **educando** a sugestão é o nome de D^a Suely Alves Dias. Do segmento de **gestores** ficaram as seguintes pessoas: Helimar Vieira Moraes (técnica de EJA) **SEE**, Marieta do Carmo de Oliveira Araújo (chefe de Departamento) – **Cidade Ocidental**, Alessandra Monteiro de Souza (coordenadora de EJA) – **Santo Antônio de Goiás** e Ana Flávia Pereira (chefe da Divisão de Educação Fundamental de Adolescentes, Jovens e Adultos) – **Goiânia**. O segmento de **professores** apresentou os nomes dos dez indicados, sendo que os nomes dos professores de Goiânia foram sorteados, uma vez que o número dos interessados era maior que o número de vagas. São eles: de **Goiânia** – Maria das Dores Silva, Dallas Mendes S. Cardoso, Lílian Ponciano Santos, Janaina Cristina de Jesus, Clarice Maia de Oliveira, de **Senador Canêdo** – Elaine Ferreira de Souza Lima, de **Itajá** – Selma Regina dos Santos Souza Camargo, de **Anicuns** – Marcy Cardoso dos Santos, de **Luziânia** – Joelma Caixeta de Souza, de **Valparaíso** – Adewaldo B. Espíndola.

- **Sobre o próximo Encontro do Fórum Goiano de EJA:**

Foi definido pela Plenária Final que o VII Encontro do Fórum Goiano de EJA será nos dias 15, 16 e 17/05/08 no Centro Pastoral Dom Fernando, com a abertura num local mais espaçoso e de preferência mais central.

Em seguida foram lidas as proposições feitas pelos GT's e aberto para acréscimos e considerações. Assim ficou:

PROPOSIÇÕES E DELIBERAÇÕES A PARTIR DOS GRUPOS DE TRABALHO

TEMÁTICA: FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES DA EJA

- Propõe que seja lançado um momento de discussão entre os sistemas de ensino (Municipal e Estadual), escolas e universidades sobre a formação do educando no segmento de EJA.
- Necessidade de fortalecimento das parcerias com uma carta do Fórum para apresentação nas Instituições de Educação Superior, nos cursos de licenciatura, inclusive para divulgação das propostas político pedagógica das redes públicas de ensino.
- Considerar o trabalho desenvolvido pelo educador e suas idéias para a elaboração de materiais destinados à EJA nas redes públicas e criar espaços para socialização das publicações que já foram feitas.
- Necessidade de se cuidar das conquistas feitas, “é preciso resistir a governos”, ressaltando a importância de se registrar/documentar as experiências pedagógicas para se garantir as conquistas que cada grupo vai tendo ao longo do processo.
- É necessário que a universidade tenha a modalidade EJA nos currículos de Pedagogia e demais licenciaturas (estando esta temática presente nas diversas disciplinas da formação do professor), permeando o projeto pedagógico da instituição superior como um todo.
- Os sistemas públicos devem garantir formação continuada periódica, de qualidade, no horário de trabalho, a todos que atuam na EJA (professores e funcionários) e em todos os níveis (educação popular, ensino fundamental e médio). Aqueles que já conquistaram este espaço devem persistir para conquistar a adesão dos outros educadores.
- Garantir espaços de discussão sobre a diversidade geracional e os diferentes níveis/ritmos de aprendizagem na sala de aula;
- Discutir a questão da evasão escolar no que se refere ao contexto pedagógico, para que haja o conhecimento, a adesão e a permanência do aluno na EJA.
- Pautar a questão do Currículo e a epistemologia (produção do conhecimento) na EJA: o que ensinar, como ensinar, e para que ensinar considerando a diversidade do educando e as contribuições históricas da EJA, como por exemplo as do educador Paulo Freire.
- Cuidar da clareza e transparência, da fundamentação teórica nos documentos utilizados na formação inicial e continuada, por exemplo, conceito de realidade, interdisciplinaridade, conhecimento e diálogo.
- Fortalecer a autonomia da formação do professor, ampliando a divulgação das produções no campo da EJA e os caminhos para acessá-las.
- Garantir que os educadores populares tenham formação inicial e m nível universitário e formação continuada de qualidade.
- Os temas a serem trabalhados nos cursos de formação continuada têm que ser levantados com/pelos educadores e advindos das questões postas pela prática pedagógica.

- As universidades/faculdades devem estabelecer parcerias para assessoria às secretarias, através de cursos de formação continuada, considerando os problemas vivenciados na prática e as necessidades de aprofundamento teórico.
- Haver a articulação dos professores de áreas que atuam em EJA para cobrarem das licenciaturas a formação em EJA.
- Que as redes públicas promovam intercâmbios entre as escolas e municípios por meio de encontros, seminários etc.

TEMÁTICA: FINANCIAMENTO DA EJA: FUNDEB E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE

- Dar continuidade à formação relacionada ao financiamento da EJA no fórum, levando as informações aqui aprendidas para os municípios e entidades; promovendo outras discussões destas em encontros regionais no estado e retomando esta temática no próximo ano para fazer um balanço do primeiro ano de implantação.
- Acompanhar a atuação do Conselho do FUNDEB, composto por representantes de gestores, professores, pais, alunos, Conselho Tutelar e Secretário de Educação.
- Divulgar o nome dos representantes do Conselho do FUNDEB, através do sítio eletrônico do Fórum EJA.
- Acompanhar o impacto da implantação do FUNDEB na EJA. O que significou até o próximo encontro estadual para as matrículas de EJA, a orientação prevista na regulamentação do Fundo.

TEMÁTICA: EJA E A PROFISSIONALIZACAO

- Transformar o PROEJA em política pública, com garantia de recursos.
- Que as Redes Municipal e Estadual pesquisem com os alunos, quais são as suas necessidades/interesses em relação à formação profissional.
- Que as Redes Municipal e Estadual apresentem as suas demandas de cursos aos CEFET'S, conforme a pesquisa com alunos.
- Institucionalizar uma política de cotas para educandos oriundos das redes públicas, junto ao PROEJA – CEFET.
- Parceria das Redes Municipal e Estadual com o CEFET no oferecimento de Cursos de Especialização em EJA e Profissionalização, não somente em Goiânia, mas em outras cidades.
- Discussão/reflexão em relação ao tipo de profissionalização que queremos para a educação profissional: formação do professor, currículo, qualidade, diretrizes, como integrar formação profissional e escolaridade.
- Divulgar esse programa junto as Redes Públicas de Ensino.

PROPOSIÇÕES GERAIS

- Pensar na plenária formas de divulgação do Fórum. (Garantir que os encontros do Fórum sejam divulgados nas escolas).

Sugestões para ampliação de divulgação do Fórum:

SEE:

1. fornecimento da mala postal dos servidores para envio de carta social.

SME:

2. inserção de pop-up e link no site das secretarias;. inserção de notas na mídia impressa: jornais alternativos de circulação interna e externa, tv.

CEE:

3. elaboração de cartazes para o envio para as escolas, subsecretarias, ntes, nuerdes e organizações não governamentais.
4. inserção de pop-up e link nos sites de órgãos correlatos.
5. inserção de informe na rede colaborativa (EJA).

Fórum:

1. criação de site permanente
2. criação de perfil e comunidade em sites de relacionamento.
3. inserção de biblioteca virtual no site do Fórum.
4. estabelecer parcerias com:
 - A. instituição de Ensino Superior.
 - B. organizações não-governamentais.
 - C. sites educacionais.
 - D. Editoras.
 - E. empresas particulares.

Já dado à hora avançada uma folha para avaliação contendo os aspectos positivos, aspectos negativos e sugestões, foi distribuída entre os participantes, recolhida e sistematizada. Foi acrescentada a esta, a avaliação feita pela equipe de organização do VI Encontro do Fórum Goiano de EJA realizada na reunião ordinária que aconteceu na quinta feira dia 10/05/07.

Avaliação do VI Encontro do Fórum Goiano de EJA - 2007

Aspectos positivos:

- Ambiente/local: de modo geral o ambiente foi avaliado como positivo, agradável, amplo ressaltando o aspecto negativo da distância para os que não ficaram hospedados
- Avanço no processo de discussão da educação brasileira como um todo em especial à EJA
- Temas relevantes
- Compromisso de todos os envolvidos
- Aumento de representantes dos diversos municípios goianos, com destaque a democratização desse processo. “A democracia reinou durante as discussões”
- Interação e trocas de experiências entre educadores, educandos e gestores públicos
- Eventos culturais muito agradáveis
- GT’s muito bons: quanto a organização, deliberação
- Nas trocas de experiências entre os municípios, houve muita aprendizagem

- Programação do encontro e textos na pasta
- Equipe de organização muito atenciosa
- Votação para os delegados com o nome da pessoa para o II Seminário Nacional de Formação de Educadores de EJA e para o IX ENEJA
- Continuidade das homenagens
- Diálogo com os sujeitos da EJA na abertura: muito coerente e bom
- Forma como foram divididos os GT's possibilitando a opção por área de interesse
- Clareza e objetividade no diálogo de abertura
- A equipe organizadora está de parabéns
- Mesmo sem a participação da FE/UFG na organização o grupo deu conta do recado
- Foi fantástico a representatividade política na mesa
- Participação de gestores o tempo todo no encontro
- O Encontro do Fórum ganhou uma grande envergadura
- Surpreendeu a quantidade de pessoas na plenária final, devido ao esclarecimento do que iria acontecer nesta plenária
- Entrevista da coordenadora do Fórum na TV.

Aspectos negativos:

- Pouca divulgação
- Poucas vagas para as SME's
- Pouca variedade na alimentação
- Espaço pequeno e desconfortável para a abertura
- Pouco tempo para discussão dos temas
- Cancelamento de diversas apresentações culturais
- Falta na organização: no direcionamento das discussões; na escolha dos delegados
- Faltou pontualidade, conversas paralelas e objetividade nos trabalhos desenvolvidos
- Ter que lavar a louça
- *Datashow* não funcionou, faixa em cima da hora (caráter de desorganização)
- Pouca responsabilidade de algumas entidades.

Sugestões:

- Ser melhor divulgado por meio de cartazes, imprensa, etc
- Ter mais mine-cursos, oficinas e tempo para estes
- Oferecer mini-cursos sobre alfabetização
- As SME's assumam as despesas dos delegados
- No próximo ano ser em outro local mais central
- Ter participação de alunos ao longo do encontro e não só na abertura
- Ter mais salas para trocas de experiências
- Ter hospedagem para todos os participantes
- Mais vagas para os movimentos sociais e educandos
- Convidar a SEC Secretaria de Educação do Campo
- Aprofundar sobre conjuntura da EJA, dificuldades de aprendizagem
- Sugerir materiais de apoio e subsídios para o trabalho no dia-a-dia na EJA.
- Melhorar a alimentação
- Mais opção para GT's e revezamento de turmas
- Organizar um Sarau para a noite com participantes previamente programados
- Ter uma equipe de infra-estrutura que cuide da organização
- Organizar bem as comissões, ir atrás das pessoas, delegar

- Dar espaço para outras entidades na organização
- Incluir o segmento de educador popular
- Investir no formato do encontro
- Rever o formato da ficha de inscrição
- Escolher um local mais amplo para a abertura
- A coordenação deve descentralizar mais, compartilhar e delegar as ações
- Ter mais pessoas na organização
- Fazer primeiro as trocas de experiências e depois os GT's
- A responsabilidade das entidades deve ser do início ao final do encontro
- Para oficina de gestores (como assessorar recursos federais): fazer inscrições prévias
- Ter espaço maior para trocas de experiências
- Ao invés de homenagear pessoas, que o Fórum homenageie entidades.

Considerações Finais:

O Fórum Goiano comemorou seu sexto aniversário, celebrando especialmente a consolidação de um espaço aberto de discussão de políticas públicas em EJA. Foi reafirmado mais uma vez que a educação é direito de todos, ao longo da vida, e como dever do Estado, enquanto um desafio posto aos segmentos e entidades envolvidos com essa modalidade. É papel de todos os segmentos ampliar as práticas de EJA e a consolidação da área, nas suas especificidades, sem o que não se alcança o princípio da *educação como direito*.

Compete aos diversos segmentos a mobilização em prol da garantia de continuidade da escolarização, da formação inicial e continuada dos educadores que atuam na EJA, em consonância com as realidades onde ela acontece. É fundamental a interlocução e a articulação de todos os segmentos na luta em torno do direito, exercendo pressão sobre o Estado, com vistas a garantir políticas públicas de EJA e recursos, de forma a valorizar os sujeitos da EJA enquanto cidadãos de direito. Ao poder público cabe garantir políticas públicas integradas, assegurando recursos orçamentários pela inclusão da EJA no FUNDEB, com igual valor custo-aluno/ano-qualidade (CAQ), e com isonomia entre as modalidades e os diferentes níveis de ensino.

Equipe de Relatoria

Ivonete Maria da Silva, Wilma Martins Carvalho, Maria Jacqueline Dias, Maria Auxiliadora D. S. Ribeiro, Inez Maria Milhome Viana Kauer (SME - Goiânia), Weber Sione Moreno (SME – Senador Canêdo), Maria Emília de Castro (FE-UFG), Marilurdes Santos de Oliveira (SME – Aparecida de Goiânia), Cláudia B. Costa (CME – Goiânia).

Goiânia, 30 de junho de 2007.